

# QUARENTEXTOS

# escritos perenes e intermitentes

#### **Autores**

Alef Diogo da Silva Santana • Aline de Aguiar Gonzaga dos Santos
Amanda Agostinho • Ana Julia Gonçalves Camillo • Beatriz Louzendi Alfieri
Carla Cristina Barizza • Carlos Eduardo Capelini Eli Lopes
Cecília Verones Cândido de Morais • Deise Coelho de Souza • Fabio Scorsolini-Comin
Fernando Luís Barroso da Silva Filho • Filipi Lopes Araujo • Gabriel Leva França Maciel
Gilmar Antonio Batista Machado • Giovanna Cardoso Scapin
Henrique Afonso Santos Pereira • Jordan Fares Sampar
Josimara Martins Silva Figueiredo • Karen da Silva Santos
Kayse Danielly Bueno de Souza • Lucas Melo • Lucia Rezende Jayme • Maylla Mota
Natália da Silva Rego • Nayara Gonçalves Barbosa • Norberto Garcia Cairasco
Patricia Rotta Lopes • Rebecca Ramos Paiva • Ricardo Henrique Peres
Rodrigo Ratochinski • Thaianne Cristine Gadagnoto • Thaís Romanini Furlan
Victoria Garibalde Hilario • Vivian Fukumasu da Cunha • Wilker Santos Costa

#### INEPAD

Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração, Av. Maria de Jesus Condeixa, 600, Jardim Palma Travassos, Ribeirão Preto-SP, CEP: 14091-240

Revisão: Fabio Scorsolini-Comin

Editoração: Liga Acadêmica de Acolhimento Estudantil da EERP-USP

Ilustração da capa: Fabio Scorsolini-Comin

Este livro foi produzido a partir do projeto de Cultura e Extensão Universitária "Quarentextos", realizado pela Liga Acadêmica de Acolhimento Estudantil da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (LAAE-EERP-USP) durante o segundo semestre de 2020.

Gestão 2020 da LAAE-EERP-USP Tutor: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin Presidente: Giovanna Cardoso Scapin Vice-Presidente: Gabriela Reis de Souza Pardo Secretária: Emanuelle Maria Marinheiro e Silva

Secretária: Patricia Rotta Lopes Financeiro: Filipi Lopes Araujo Marketing: Renata Pinheiro Lopes Marketing: Nathalia Piccoli Prochnon Marketing: Clara Machado Biagiotti

Conselheiro: Lucas Rossato

#### Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alice Costa Macedo – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos – Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Cintia Bragheto Ferreira – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

2021

#### Ficha catalográfica

Scorsolini-Comin, F. (Org.) (2021). Quarentextos: escritos perenes e intermitentes. Ribeirão Preto, SP: INEPAD - Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração. 102 p.

1.Literatura. 2.Enfermagem. 3.Acolhimento estudantil. 4.Pandemia. 5.COVID-19.

ISBN: 978-65-993533-0-7



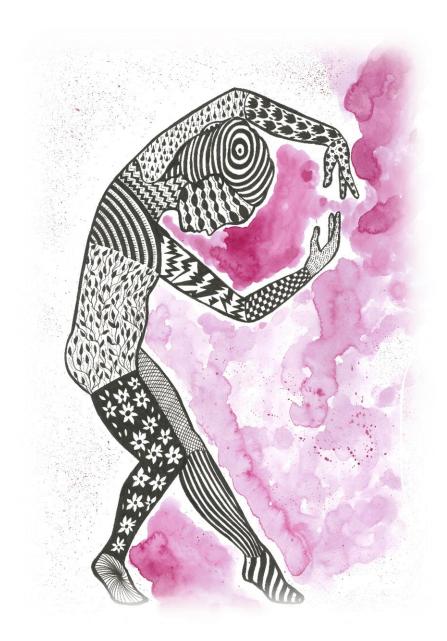






- Organização -





# QUARENTEXTOS

escritos perenes e intermitentes

# Sumário

Prefácio — Quando a vida entra em modo emergencial: a pandemia de	07
COVID-19 no Brasil aos olhos da comunidade acadêmica, Manoel	
Antônio dos Santos	
Apresentação – A literatura e a escrita do essencial, Fabio Scorsolini-	15
Comin	
A enfermeira e a cartinha, Nayara Gonçalves Barbosa	21
Términos de ciclos pedem respiro, Maylla Mota	25
Quando não há mundo lá fora, escrevemos para dentro, Gabriel Leva	26
França Maciel	
Do laço ao nó, Cecília Verones Cândido de Morais	30
Os horizontes de Nina, Carla Cristina Barizza	32
Reações, Kayse Danielly Bueno de Souza	35
Equilíbrio claudicante, Lucas Melo	37
Relações, Filipi Lopes Araujo	40
A brisa, Fernando Luís Barroso da Silva Filho	42
Grão de areia, Amanda Agostinho	43
Quarempílulas, Gilmar Antonio Batista Machado	44
A saudade não toma sonífero, Jordan Fares Sampar	47
Intenso, Ricardo Henrique Peres	50
Mausoléu, Patricia Rotta Lopes	51
É a solidão da pandemia ou a solidão de uma vida?, Alef Diogo da	54
Silva Santana	
A carta de Thomas, Carlos Eduardo Capelini Eli Lopes	56

Ó, Pensamento, Wilker Santos Costa	59
Complacência do mundo, Thaianne Cristine Gadagnoto	60
Sobre o impacto de uma "simples nanopartícula viral" no tamanho da	61
arrogância humana, Norberto Garcia Cairasco	
A montanha-russa da pandemia, Deise Coelho de Souza	64
Ser mulher, Natália da Silva Rego	67
Fezes sociais, Lucia Rezende Jayme	69
Pensamentos de uma quarentena, Karen da Silva Santos	70
Natureza, Thaís Romanini Furlan	71
Alegria, Josimara Martins Silva Figueiredo	72
ex ore parvulorum veritas, Fabio Scorsolini-Comin	74
Meu eu roteirista, Beatriz Louzendi Alfieri	76
Diário oportuno, Rodrigo Ratochinski	77
Pensamentos de uma isolada, Giovanna Cardoso Scapin	79
As bênçãos de Deus, Vivian Fukumasu da Cunha	81
A casa de chás, Henrique Afonso Santos Pereira	83
Eu e eles, Ana Julia Gonçalves Camillo	87
Humanos, Aline de Aguiar Gonzaga dos Santos	90
- soneto, Victoria Garibalde Hilario	91
Amora, Rebecca Ramos Paiva	92
Posfácio, Silvana Martins Mishima	94
Sobre a Liga de Acolhimento Estudantil da Escola de Enfermagem de	99
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo — LAAE-EERP-USP	
Agradecimentos	102

Prefácio

Quando a vida entra em modo emergencial: a pandemia de COVID-19 no Brasil aos olhos da comunidade acadêmica

Manoel Antônio dos Santos

No dia em que escrevo o prefácio deste belo livro organizado pelo Prof. Fabio Scorsolini-Comin, a Folha de São Paulo veicula mais algumas das inúmeras notícias paradoxais a que somos expostos diariamente nesses tempos de pandemia. No canto superior da primeira página, o jornal estampa em letras garrafais a notícia de que, na véspera, haviam sido finalmente divulgados os índices de eficácia obtidos pela vacina Coronavac em estudos no Brasil. A manchete sinaliza uma das primeiras esperanças realistas de frear o avanço vertiginoso do novo coronavírus no país. No terço inferior da primeira página, a Folha repercute a impressionante cifra de vítimas fatais da doença. "País chega a 200 mil mortos pela Covid ante série de erros". Entre a "boa" notícia e a notícia "terrível", vemos uma foto de meia página dividindo as duas manchetes: "Em homenagem às vítimas do coronavírus, a Folha reuniu mais de cem fotos de pares de sapatos que pertenciam a elas e representam a ausência dessas pessoas para os familiares" (Folha de São Paulo, 08.01.2020). Uma homenagem comovente àquelas pessoas que tiveram suas vidas interrompidas no ano que nunca haverá de terminar de fato. Um gesto humano calculado para que as vítimas da COVID-19 não sejam esquecidas em um país conhecido por "não ter memória", especialmente neste tempo histórico que nos cabe viver, no qual

se cultiva o desprezo pela vida, o desdém pelos direitos dos mais vulneráveis e a indiferença pela dor e luto das famílias.

Essa composição de textos e imagens, elaborada na primeira página de um dos jornais de maior circulação do país, simboliza os altos e baixos do cenário pandêmico com o qual nos habituamos a conviver. Transcorridos 10 meses desde o registro do primeiro óbito, em 16 de março de 2020, o Brasil alcançou a triste marca de 200 mil vidas perdidas por COVID-19. Há uma convicção entre os profissionais de saúde de que a maior parte dessas perdas poderia ter sido evitada, a exemplo do que ocorreu em países que fizeram uma gestão mais eficiente da crise sanitária. Em nosso país, graças a uma série de erros cometidos no combate ao novo coronavírus, a pandemia avança com força após um período de flexibilização das medidas restritivas, que reforçou o pensamento dominante da população de que o pior já havia passado e de que era preciso voltar à normalidade o mais rápido possível e retomar a atividade econômica combalida.

Por falar em altos e baixos, na virada do ano comemoramos a conquista da vacina, triunfo da ciência em tempo recorde. Em um período obscurantismo e de ataque à ciência e à verdade, sem dúvida é um feito digno de comemoração. Porém, também houve um expressivo aumento das aglomerações em eventos e festas clandestinas, resultando, como era de se esperar, uma curva ascendente no número de novas contaminações. Algumas pessoas se justificaram: "É preciso continuar vivendo" ou "É errado, mas fiz". A pandemia passa à nossa frente com sua banda silenciosa deixando um rastro de desamparo por onde circula. O aumento exponencial do número de casos pressiona o sistema de saúde.

Esses paradoxos vivenciados no cotidiano da pandemia são transpostos para as páginas do livro Quarentextos: escritos perenes e

intermitentes de forma surpreendentemente leve e encantadora. Em meio ao cenário sombrio, é reconfortante saber que a maioria dos *quarentextos* foi produzida por jovens estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes unidades do campus da USP de Ribeirão Preto, muitos deles envolvidos em profissões de saúde, o que significa que estão compromissados com a missão de cuidar de vidas. São textos que nos tocam o coração de imediato porque traduzem em palavras retratos instantâneos, com o frescor dos registros espontâneos de acontecimentos cotidianos.

Alguns textos surpreendem pela agudeza do olhar com que perscrutam a realidade, enquanto outros se destacam pela linguagem inovadora. Não se trata aqui de saber quem domina de forma impecável o vernáculo. O que está em jogo é a função expressiva da linguagem, sua capacidade de dizer muito com parcimônia e economia de recursos. Nesse aspecto os textos enfeixados nesta coletânea são matérias de inventores que decantam a linguagem para traduzirem um cotidiano obstruído por impossibilidades. Ao operarem com a função poética e a dimensão ficcional, mostram a potência transformadora da escrita para o reenquadramento dos aspectos negativos da pandemia.

A dimensão coletiva está presente neste livro desde a sua concepção. É a força da coletividade que se destaca. Nesse sofrido período de quarentena, descobrimos que de nada adianta nos defendermos do vírus se não protegermos os nossos semelhantes. O vírus escancarou o que não desejamos admitir: o fato de que somos seres interdependentes, de que necessitamos do outro para nos mantermos em pé e vivos. Existimos porque formamos laços sociais. Ansiamos pelo aconchego, somos filhos e pais do apego. Por isso precisamos reforçar os laços com a vida, adotar uma política

de vida porque a saída para a crise sanitária mundial é, necessariamente, coletiva, compartilhada e colaborativa.

Sabemos que, insidiosamente, uma silenciosa ameaça viral tomou o planeta de assalto e deixou o mundo de joelhos. Mal nos demos conta do que estava acontecendo e nos deparamos com a necessidade urgente de repensar os rumos que imprimíamos às nossas vidas. Demoramos para compreender a gravidade da pandemia. A "novidade" é que o novo coronavírus - SARS-COV-2 explicitou nossas velhas mazelas sociais e escancarou a vertiginosa desigualdade em que estamos mergulhados de olhos fechados para não enxergarmos. De repente, como se estivéssemos em transe, descobrimos que somos todos forasteiros no nosso próprio lugar, "estrangeiros" no país onde nascemos. O vírus nos expulsou das reuniões familiares e dos espaços de encontro, interrompeu nossos sonhos, adiou nossos abraços e nos manteve afastados. Impertinente, o vírus desafia o establishment, o sistema de saúde global. O vírus pandêmico não cria divisões, apenas as acentua e explicita, evidenciando o esgotamento do modelo econômico ultraliberal.

Não mais que de repente descobrimos que somos seres atados ao tempo e que o tempo é um bem escasso. O tempo é o ritmista de nossas vidas. Na pandemia, nossa percepção do tempo se altera drasticamente: ora parece dilatado, lentificado, ora se torna apressado, veloz. Este volume reúne narrativas produzidas no calor da urgência, o que nos possibilita refletirmos um pouco mais sobre a sociedade atual e nosso horizonte histórico.

Na coletânea *Quarentextos* encontramos uma mescla de lirismo, paixão, desabafo, indignação. As narrativas transitam por uma estrada que, via de regra, relutamos em trilhar e que, se bem aproveitada, pode nos levar ao encontro da alteridade. Os textos evidenciam a sensibilidade dos autores

e das autoras ao momento crítico no qual todos estamos envolvidos, tornando a leitura dessa obra indispensável no tempo inquieto que nos é dado viver.

Nos textos enfeixados nesse volume, os flagrantes do cotidiano filtrado pela pandemia subvertem e decantam a linguagem até atingirem uma saturação de sentidos que beira à poesia. É difícil não admitirmos que a pandemia global acelera as tendências destrutivas de uma humanidade há muito fraturada e adoecida. Aos poucos nos damos conta de que estivemos aprisionados a uma visão reducionista da compreensão do que é a vida. A exploração predatória dos recursos do planeta e a produção de uma forma de vida coroada de artifícios, a pressão por efetividade, performance e produtividade, tudo isso nos conduziu à atual situação de colapso iminente que estamos enfrentando.

O vírus deixou as ruas vazias e os hospitais cheios. Sabemos que é dever constitucional do Estado proteger a saúde dos seus cidadãos. Dando lições seguidas de incivilidade, o governo brasileiro vergonhosamente se isenta de sua responsabilidade por conter a expansão da COVID-19 e proteger os que estão mais expostos a desenvolver as formas mais graves da infecção. Como era de se esperar, os grupos mais vulneráveis são mais afetados pela crise sistêmica do capitalismo que, embora já estivesse em curso, agravou-se na situação de emergência sanitária em razão do isolamento social, da queda da renda familiar, da precarização do trabalho e do desemprego maciço. As medidas sanitárias restritivas, absolutamente necessárias para conter a disseminação do vírus, potencializaram essas consequências nefastas, aprofundando as desigualdades sociais e acirrando as tensões e contradições do sistema econômico espúrio em que vivemos.

Mais do que nunca temos de estar atentos aos mais fragilizados, como idosos e crianças, por diferentes razões. Os primeiros, por sua elevada vulnerabilidade às formas mais graves da doença. Já as crianças, pela ruptura no processo de escolarização. Que velhices e que infâncias têm sido produzidas e reinventadas no contexto de crise que vivemos? Temos de estar atentos também aos povos indígenas, duramente afetados, etnias inteiras em vias de ser dizimadas, assim como os quilombolas, ribeirinhos, moradores de comunidades, periféricos dos centros urbanos. Todos aqueles que foram deixados à mercê da morte por COVID-19 pelo Estado brasileiro, sem uma política de isolamento protetivo de suas comunidades, sem medidas sanitárias e funerárias que respeitassem suas tradições. Também temos de permanecer vigilantes para determos a difusão criminosa de informações falsas nas mídias sociais e os ataques de radicais às instituições democráticas. Não há qualquer possibilidade de solução realista para os nossos dilemas fora do regime democrático.

No exato momento em que finalizo esse texto, mais de 50 países já haviam iniciado a imunização. Mais de mil brasileiros continuam morrendo a cada dia e nosso país ainda não tem data definida para iniciar a vacinação de sua população. E assim o vírus nos coloca frente a uma encruzilhada. Vamos ter de decidir se desejamos ser solitários ou solidários. Não será fácil remover esse patógeno, talvez nunca consigamos erradica-lo, a exemplo do que ocorre com tantos outros, então teremos de aprender formas criativas de conviver com essa ameaça depois de atingirmos a imunidade coletiva, que por sinal não conferirá proteção absoluta. Não há blindagem infalível, mas podemos fazer gestão de riscos, redução de danos. Mas isso só será válido se nos permitirmos ser mais humanos e compreensivos com nossa condição de humanos e, portanto, falíveis.

Ao longo desses meses tivemos de aprender a conviver com um clima fantasmagórico que nos abraça todos os dias. Ter passado por essa experiência dolorosa e vivenciar tantos sonhos interrompidos e tantas vidas perdidas a cada dia, quem sabe pode inflamar uma postura mais coletiva e menos egocêntrica, menos individualista, mais autocrítica, menos alienada e narcisista em nossa sociedade tão desigual e sedenta de justiça social.

Dizem que a crise é a mãe de oportunidades. Os textos deste livro evidenciam que, em meio a maior pandemia do século, somos capazes de buscar soluções criativas e expandir horizontes. Saberes transformam práticas. Descobrimos novas formas de executar nossas atividades, testando novas possibilidades, cultivando recomeços. Precisamos agora encontrar maneiras mais efetivas de incluir e amparar por meio de relações afetivas e solidárias. O desafio é encontrar formas de construir pontes em vez de muros, para que possamos reinventar a vida permanentemente e não apenas em resposta a situações de crise.

Que o empenho na produção desses textos sirva de estímulo para que os/as autores/as sigam em frente e continuem a escrever. Quem dera todos e todas possam dizer um dia, de modo assertivo como o Prof. Fabio Scorsolini-Comin em seu texto de abertura desta obra: "A Universidade não me afastou de quem eu era".

De tudo resta ao menos uma certeza: ainda é longo o caminho para vencer a pandemia. Podemos sair dessa crise transformados ou transtornados. Neste último caso, sairemos sem termos aprendido as lições necessárias, resistindo a refundar nossa existência. É preciso ter esperanças para reencantar a vida e sustentar com altivez uma utopia saudável, pautada numa ética do cuidado e em projetos coletivos para o bem viver.

Manoel Antônio dos Santos é psicólogo, mestre, doutor e livre-docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Quarentextos : escritos perenes e intermitentes

15

Apresentação

A literatura e a escrita do essencial

Fabio Scorsolini-Comin

A poesia não me pede propriamente uma especialização pois a sua arte é uma arte do ser. Também não é tempo ou trabalho o que a poesia me pede. Nem me pede uma ciência uma estética nem uma teoria. Pedeme antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar.

(Sophia de Mello Breyner Andresen, Arte poética II)

A escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) dedica o seu texto *Arte poética II* para diferenciar a poesia do que chama de artesanato. Para ela, o que levaria tempo, trabalho, acabamento, demandando a existência de teorias explicativas seria o artesanato. A poesia — ou a escrita poética — careceria de outro tipo de matéria: o próprio ser. De modo que a habilitação para a escrita não seria construída pelo trabalho de esmero diante do próprio verso, mas pela existência de um ser diante do verso. Sendo a poesia a "arte do ser", permito-me uma ampliação desse sentido: para podermos escrever é preciso, antes de tudo, ser. Quando não temos acesso a esse ser ou quando nos disfarçamos em busca de um ser que não nos representa, de fato, estamos apenas fazendo artesanato. Não que o artesanato não tenha a sua posição e o seu prestígio, mas aqui vamos falar da arte. E, por conseguinte, da necessidade de ser. Isso nos convoca, quase

que instintivamente, para pensarmos na nossa essência ou, em outras palavras, naquilo que é essencial.

O projeto de Cultura e Extensão Universitária "Quarentextos" nasceu durante uma viagem. Eu estava pensando na pandemia e no que poderíamos dizer aos nossos alunos. Já chegávamos à segunda metade de 2020 e tudo aquilo ainda não tinha passado, não tínhamos retomado as aulas presenciais como desejávamos e, pior, íamos descobrindo, aos poucos, que aquela realidade se arrastaria por mais algum tempo. Não sabíamos dizer quanto tempo. O que dizer aos nossos alunos quando nos perguntavam sobre a retomada das atividades ditas normais? Trabalhando no campo da saúde mental, uma outra questão me atormentava: o que dizer a esses estudantes quando eles nos perguntam sobre o cuidado em saúde mental? Responder a essa pergunta começava a ficar cada vez mais complexo pela ausência de respostas advindas de outras áreas, pela própria incerteza que se instalava como um novo possível. Eu estava no carro, em direção à casa dos meus pais, mas o meu itinerário incluía a necessidade de dar uma resposta, ainda que provisória, a essas incertezas.

Os questionamentos — muitos deles sem solução — sempre permearam a minha vida, desde a infância. Questões que não tinham uma única resposta e muitas delas que nem mesmo podiam ter alguma resposta. Quando esse cenário de dúvida me atormentava eu acabava sempre escapando para uma realidade na qual essas dúvidas não me causavam tanto sofrimento. Elas não deixavam de existir, mas não me afligiam em demasia. Então eu escrevia. E foi assim desde cedo, escrevendo cartas, poemas, pequenos textos, a pedido da escola, a pedido do meu próprio desejo, a pedido da minha necessidade de continuar existindo. O mais interessante desse processo é que ele, embora me parecesse algo especial, só meu,

também era compartilhado por uma série de pessoas. Aos poucos, quando criança, ia descobrindo: *então você também escreve?* Até hoje me pego com esse tipo de reação. Atrevo-me a dizer que aqui neste livro temos, pelo menos, mais 34 pessoas que empregam ou empregaram esse mesmo recurso em algum momento da vida, com ou sem pandemia. Esse recurso só era um segredo para mim. Agora posso ver que muitos outros o guardavam também. Portanto, a necessidade de "ser" parece-me plenamente atendida, seguindo os crivos aventados por Sophia na epígrafe inicial.

A literatura sempre esteve presente em minha vida. E a despeito do que a Universidade muitas vezes promove nos estudantes quando estes se enveredam por carreiras das áreas de exatas e biológicas, por exemplo, a literatura não deixou de fazer parte da minha vida assim que fui aprovado no vestibular para Psicologia. Pelo contrário, ela passou a ser cada vez mais um lugar para o qual eu poderia correr em momentos de dúvida, em momentos de não-saber. A literatura deixou de ser um componente curricular que me ajudaria a ingressar no ensino superior, sentido este fortalecido no ensino médio, e passou a ser aquele lugar de conexão, de conforto e de prazer que sempre ocupou desde que passei a ler. A Universidade, desse modo, não me afastou de quem eu era. Assim, continuei a ler e a escrever para além de artigos e textos acadêmicos. Torço para que meus alunos também possam ter essa experiência e que a Universidade, o vestibular ou o ensino médio nunca sejam justificativas para que a literatura fique esquecida em algum lugar da memória ou em algum livro que um dia lemos e gostamos.

O projeto Quarentextos surgiu porque era necessário. E porque a literatura é essencial neste momento em que o essencial é, a todo momento, questionado, subvertido e submetido a crivos governamentais, sanitários e de interesses nem sempre coletivos. Epidemiologistas e políticos nos dizem

quais são os serviços essenciais e tudo além disso passa a ser supérfluo ou até mesmo errado. Deve-se ficar apenas com o essencial. Pois bem! A literatura é essencial em um mundo que tornou polissêmica a tarefa de definir o que é, de fato, essencial.

Aqui, neste livro, defendemos que a literatura é essencial em um mundo que vive uma pandemia. Mas que também é essencial em um mundo sem pandemia. Embora muitos dos escritores aqui reunidos possam dizer que passaram a escrever durante a quarentena, ouso considerar que esses escritos sempre estiveram neles, pululando, circulando no espaço discursivo, torcendo por um registro em papel, em um arquivo de texto, em uma conversa de aplicativo. Só começou a escrever na quarentena quem já possuía, em si, a literatura.

É com muita satisfação que podemos, agora, compartilhar não apenas esses escritos, mas esses escritores. Esses escritores, pertencentes a uma grande comunidade acadêmica da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto, estavam todos, até então, centralizados no próprio segredo, agarrados à ideia — ou à fantasia — de estarem sozinhos, de amarem sozinhos a literatura — quiçá de serem incompreendidos. Vemos, aqui, que formamos uma comunidade significativa. Uma comunidade ainda maior se considerarmos os que, nesse momento, não quiseram ou não puderam também compartilhar seu segredo. O mais importante é que continuemos a existir. E escrever é um exercício bastante propício para tal.

No processo de feitura desse projeto pude trocar mensagens com alguns desses escritores, uns me questionando se seus textos teriam ou não qualidade para integrar o projeto: imagina serem publicados? Foi então que retomei a leitura de Sophia. Não estávamos em busca de artesãos das palavras. Queríamos pessoas. É o que trazemos neste livro. Pelo mesmo critério, arte!

Quero agradecer aos diversos interlocutores que nos apoiaram na realização deste projeto e na organização do livro. Primeiramente agradeço à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP pela abertura a projetos dessa monta e pela possibilidade de levarmos um pouco de literatura aos mais diversos cenários de promoção de cuidado. Aos estudantes da Liga Acadêmica de Acolhimento Estudantil da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, por comprarem a ideia do projeto e se empenharem na divulgação e no endereçamento dos textos. À Profa. Dra. Carolina Aires, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da USP, por todo o carinho e apoio ao projeto desde o seu início. Aos jornalistas ligados ao Jornal da USP Ribeirão Preto, à EPTV e à Rede Thathi de Comunicação que contribuíram com a divulgação do projeto no segundo semestre de 2020. Ao Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração, especialmente o Prof. Dr. Alberto Borges Matias, pela aceitação do projeto e viabilização da sua veiculação pela editora do INEPAD. E a todos os entusiastas desses quarentextos, os autores que enviaram os seus textos, as pessoas que divulgaram o projeto, as pessoas que se interessaram pela proposta. Sim, a literatura pode e deve habitar a Universidade. Pode e deve compor um rol de conhecimentos necessários ao fazer profissional, um fazer mais humanizado, mais atento às delicadezas e ao que, de fato, pode ser essencial ao viver.

Nesse percurso não posso deixar de mencionar a inspiração do Poeta de Gaveta, projeto da Seção de Atividades Culturais da Prefeitura do Campus Administrativo da USP Ribeirão Preto. Foi nesse projeto que publiquei meus primeiros textos assim que comecei a fazer Psicologia e que pude descobrir

que a USP também era um lugar de escrita literária, que a Universidade podia acolher o que eu escrevia e, nesse processo, acolher quem eu sempre fui.

Ainda temos muitos desafios pela frente. Um deles é fazer com que esses escritos possam ultrapassar os limites da Universidade, possam representar e ser mais do que textos de estudantes, docentes e servidores de uma Universidade pública. Nosso objetivo não é que esses escritos sejam reconhecidos como os textos da comunidade USP. A nossa comunidade é muito maior, muito mais ampla, complexa e diversa. As escritoras e os escritores aqui reunidos vêm de diferentes locais, de diferentes pertencimentos, com diferentes histórias. A Universidade tem o poder de reunir e endereçar essas diferenças e deve ser cada vez mais capaz de convocar essa diversidade para poder constantemente se construir, se reinventar e, de fato, representar nossas comunidades plurais.

Desejo a todas e todos uma leitura muito prazerosa. Que ela possa se dar em diferentes ritmos, na medida do interesse, do calor e da necessidade de cada um. Que este livro possa ser relido, revisitado, compartilhado, enviado aos amigos como registro do que podemos ser, fazer, escrever e existir em tempos em que muitas de nossas certezas são suspensas. Continuamos com nossos versos, a despeito dos movimentos ou das pessoas que desejam apenas calar nossos escritos. Decidimos ser. Continuaremos a escrever.

Fabio Scorsolini-Comin é psicólogo, mestre, doutor e livre-docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Tutor da Liga Acadêmica de Acolhimento Estudantil da EERP-USP e coordenador do Projeto Quarentextos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Quarentextos : escritos perenes e intermitentes

21

#### A enfermeira e a cartinha

Nayara Gonçalves Barbosa

As ruas emudeceram, mas os corredores dos hospitais permaneceram ativos, sons, ruídos, alarmes de equipamentos permeados pelo cansaço, exaustão e sofrimento humano diante do desconhecido e suas incertezas. Era tempo de isolamento social, mas, em um fluxo contrário, eu pertencia à multidão, a um grupo formado por profissionais que se dedicaram no enfrentamento da pandemia da COVID-19. Certamente muitas histórias, crônicas, poesias e contos poderiam ser escritos a respeito das vivências dessas pessoas.

Em um dia, durante o plantão, uma colega me disse "Meus filhos e netos estudarão sobre essa pandemia na escola, e eu terei muito orgulho de contar que fui enfermeira naquela época". Em minhas reminiscências, me veio a imagem de meu bisavô, um imigrante japonês, que contava histórias de guerras em minha infância. Estaríamos também vivendo em guerra? O inimigo é invisível, utiliza de estratégias robustas contra os "soldadinhos do nosso corpo" que compõem o sistema imunológico, é capaz de causar dor, sofrimento, deixar profundas sequelas, cicatrizes físicas e psicológicas e mudar o destino da humanidade.

De fato, a atuação de enfermeiros em guerras não é nenhuma novidade. Diante de tal cenário, a criação de hospitais de campanha durante a pandemia da COVID-19 e a homenagem aos 200 anos de Florence Nightingale remetem à valorização do cuidado diante das intempéries que assolam a humanidade e da importância do profissional enfermeiro na linha de frente.

Como em todo "filme de guerra" de cinema, há histórias de amor, esperança, encontros que se entrelaçam em meio ao caos, em uma ótica que foge à perspectiva da racionalidade, a vida insiste em pulsar. Em uma era tecnológica, em que não mais se escrevem cartas, fui incumbida da grande missão de levar uma mensagem: papelzinho dobrado, letra caprichada e redondinha, escrita a lápis, assinada por um menino chamado João (nome fictício ou não), de 10 anos de idade, cujo pai estava internado em uma unidade de cuidados críticos, na qual eu trabalhava como enfermeira durante a pandemia. Eu nunca vi essa criança antes, não conhecia sua família, mas já cantarolava sabiamente o grande poeta Vinícius de Moraes: "A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida". Como tudo isso aconteceu? Eis que se inicia a história da enfermeira e da cartinha.

Era uma vez uma enfermeira que, assim como tantas outras, trabalhava em dois lugares e, em um desses hospitais, que era de pequeno porte, encontrou uma pessoa que tinha um amigo internado em uma unidade de cuidados intensivos destinada ao atendimento de pessoas com COVID-19. Coincidentemente ela trabalhava também nessa unidade e conhecia o referido amigo. Repentinamente, como um filme de curtametragem, a enfermeira se lembrou da história do paciente, de sua transferência para a unidade, de seu aniversário durante a internação, que era o mesmo dia que de sua avó e irmão, a quem ela não via há muito tempo. A enfermeira se lembrou dos curativos que fizera, de seu tempo à beira leito e dos cuidados dispensados e se manteve em silêncio, diante de tantos

questionamentos a respeito do estado de saúde de seu amigo. Entre a angústia e a ansiedade por notícias, a enfermeira se prontificou a enviar um recado para o seu amigo que estava internado.

Alguns dias depois a enfermeira estava trabalhando no pequenino hospital e, inesperadamente, o guarda lhe disse que havia uma carta na portaria, junto a ela uma família: uma mãe, uma criança e o amigo. Apesar do memorável valor das cartas, ela utilizou a tecnologia a seu favor, gravou um vídeo e foi incumbida com a missão de levar a mensagem. Quando a enfermeira voltou à unidade de cuidados intensivos, o paciente já não estava lá... Ele fora transferido para uma enfermaria, na qual ela foi visitá-lo e leu a seguinte mensagem: "Papai, olá o senhor está bem? Papai eu quero que o senhor volte logo para a casa! Eu quero que nós podemos comer nossa pizza de sábado e dos domingos nossas esfirras. Pai eu te amo do fundo do meu coração. Pai ora bastante firma seu pensamento em Deus para você voltar logo para aproveitar esse tempo perdido, te amo, um milhão de beijos, João". Ele apresentou a menção de um sorriso e a enfermeira voltou por várias vezes para reencontrá-lo e reler a carta e mostrar o vídeo repetidamente, até estar certa de que a mensagem fora compreendida.

Diante de tanta saudade, dor e sofrimento, ainda nos resta cantar: ... "A tristeza tem sempre uma esperança, de um dia não ser mais triste não"... É tempo de refletir sobre o irrefutável valor da simplicidade, dos encontros de família, dos abraços, dos almoços dos dias de domingo, dos passeios no parque, das pequenas coisas que, por vezes, se passavam desapercebidas; é tempo de reencontros e de reencontrar-se, urgentemente¹.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Agradeço à equipe e coordenação do CTI COVID-4 e Enfermaria 6 do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; às docentes da EERP-USP que desenvolveram trabalho voluntário à beira leito junto às unidades de cuidados críticos durante a pandemia de COVID-19, sobretudo no treinamento e aprimoramento do conhecimento; às queridas Profa. Dra. Thais de Oliveira Gozzo, Profa. Dra. Maria Célia Barcellos Dalri e Profa. Dra. Marta Cristiane Alves Pereira, pelo exemplo profissional,

Nayara Gonçalves Barbosa é enfermeira e Professora Contratada III (MS-3.1) do Departamento de Enfermagem Materno-infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

ensinamentos, empatia e humanização; à Profa. Dra. Flávia Azevedo Gomes-Sponholz, pelo apoio e incentivo nessa etapa vivenciada; à enfermeira Danielle Maria da Silva (que contará muitas histórias de sua jornada como enfermeira para seus futuros filhos e netos); à família e ao pequeno "João" por terem autorizado a publicação da carta e compartilharem de sua história. Em memória de Massao Akegawa e Helena Satsuki Mitsutake, por tantas histórias contadas.

### Términos de ciclos pedem respiro

Maylla Mota

Términos de ciclos pedem respiro

Quando termino um ciclo, sempre preciso de tempo.

Parece que se eu não conseguir parar para refletir a sensação que fica é a de paralisação no tempo.

Na maioria das vezes as pessoas envolvidas nesse processo acabam não entendendo.

E, às vezes, nem eu mesma entendo.

Mas é que quando termino ciclos, sempre preciso de tempo.

Tempo para conseguir discernir o que foi bom e o que quero que permaneça. Às vezes as lembranças vão permanecer intactas e, em outras, apenas ressignificadas.

Mas eu preciso do tempo, como quem precisa de respirar.

Imagina uma vida inteira sem a oportunidade de se dar um tempo?

Términos de ciclos pedem respiro,

E em resposta ofereço o meu tempo.

Maylla Mota é estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. "É sempre muito difícil escrever uma definição de quem sou, sinto que as definições são pequenas e não contemplam a dimensão de qualquer pessoa. Mas assim, sou estudante, às vezes militante, amiga, filha e escrevo observando a vida".

Quarentextos: escritos perenes e intermitentes

26

# Quando não há mundo lá fora, escrevemos para dentro

Gabriel Leva França Maciel

Dia após dia eu me pergunto sobre o funcionamento das engrenagens da saudade, como ela sobrevive. Ora, há quem diga que devemos seguir em frente, que sempre conseguimos deixar o passado para trás. Mas eu me lembro de chegar em casa cansado da rotina, de andar no sol, dos ônibus, os cigarros, as reuniões, aulas cansativas, inacabáveis e ainda assim lembrar de você.

Agora não há mais caminhada, nem o cheiro de fumaça e esgoto da rua. Quem encontro, se não vive comigo, me aparece como uma marionete animada, como uma cabeça decepada pela tela e me assusta não compreender como aquilo se mexe, me assusta saber que já é impossível de se tocar. Reajo ao que me surge, como um animal assustado, um cão sem dono. Por um lado, peço para que não haja novos machucados; por outro, compreendo que eles surgirão e eu precisarei lamber minhas próprias feridas.

- Alguma coisa morreu dentro de nós -

O mais curioso é que eu ainda me lembro dos seus olhos. Com ou sem rotina, depois de todo esse tempo. Eu já nem acreditava que fosse possível se prender tão firmemente, tão fundo. O que me interessa é saber por que resistimos ao minguar de nossas próprias percepções e ao desmoronamento das nossas verdades mais constituintes.

O que o caos fez com você? A quantas andam os seus sonhos? Gostaria de saber como você tem sobrevivido ao mundo, que ultimamente tem cobrado ainda mais. As voltas pelos corredores repletos de luzes, o escuro, como isso tudo aparece a você. Tantas perguntas disfarçam a permanência de memórias que me levam a lembrar de um mundo que parecia melhor. Ou eu quem fui melhor no mundo e agora só posso enxergar beleza no passado?

Por que me sinto tão incapaz de abraçar o nada?

Que desejo é esse por qualquer coisa, ao invés de nenhuma, ainda que seja pura dor?

- Seguimos rastejando, sobraram poucos dentes para que pudéssemos sorrir. E esses poucos resistentes estão amolecendo -

Às vezes eu ainda procuro por você. Às vezes é você quem me aparece enquanto realizo uma dança esquisita que me acostumei a chamar de fuga. Afinal, a verdade é que já não sei mais como é a sua forma, já não me lembro mais do seu tom de voz. A imagem que existe aqui se desdobra como um amálgama de minha falta completa, a ponta do iceberg de existir como um ente senciente. Como aquele que tenta compreender a própria miséria.

É no canto dessa mandala em tons de cinza, nos silêncios entre as notas desse réquiem contínuo e repetitivo, que encontro apenas saudades. Ambos representam o tempo e o espaço de minhas falhas amontoadas, um todo dinâmico e assustador. Enquanto espero por algum estigma na sua pele que me revele uma pista do que eu deveria ter descoberto há muito tempo. Mas a sua pele é mármore, é pesada como uma estrela e volátil como um fantasma.

Quem é você? O que foi você?

- Há poeira ferindo nossos olhos enquanto insistimos para que eles não pisquem -

Também conhecidos como "condições de possibilidade", o tempo e o espaço são desconhecidos por mim. Apesar de que é preciso apontar algumas suspeitas do que se tornarem através dos meus sentidos. Ambos culpados pelo mundo. Inelutavelmente culpados.

O tempo tem me agredido. Um relógio quebrado, não despedaçado ao passo da loucura, mas como um espelho curvo, com duas ou três rachaduras espalhadas. Um longa-metragem queimado pelo sol das doze horas. Meus pais envelhecem no quarto ao lado, como que em meio a uma tempestade. A ponto de me assustar a possibilidade de um dia os chamar pelo nome e encontrar apenas poeira. E quanto a mim? Sigo em frente como uma lesma. Menor, mais frágil, mais fraco e mais despreparado. Confesso que a essa altura me acreditava ser mais forte. Não sou capaz de sobreviver às tempestades nas quais outros foram forjados.

Você ainda se lembra de mim? De como eu era? Não consigo imaginar o que existia por detrás dessa película, dessa membrana que embaça a vida. Sobre o espaço, sobram poucas categorias nas quais encaixá-lo. O que era condição de existência, hoje em dia, é claustrofobia. É fogo constante, é calor, ossos e cinzas.

Alguém podou muitos dos meus caminhos. Tenho a impressão de encontrar o culpado quando caminho diante dos espelhos retorcidos. Ele deve se esconder lá atrás. Onde, um dia, você esteve.

- Como descreveremos o nada senão pela falta? E o que é a falta, se não o movimento? -

O espaço, aquilo que se pode perceber e o tempo, a passagem das coisas. Ambos cruéis, ambos leais aos próprios propósitos. O que há deve se

transformar. Deixando de ser o que foi. Foi assim consigo, com o que fomos e o que eu sou agora. Hoje o caos nos mostra que tudo se desenvolve rumo a se tornar outro.

Foi assim com a democracia, com a rotina e aquilo que chamávamos normalidade. Foi assim conosco e até mesmo com as suas lembranças. Que agora são apenas minhas, como um quartinho de bagunça. Como essas linhas todas que, algum dia, também serão ossos, cinzas e poeira.

**Gabriel Leva França Maciel** tem 21 anos, nascido no interior de São Paulo, *"aspirante a escritor e podcaster. Amante da filosofia e psicólogo em formação"*. Estudante do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP.

# Do laço ao nó

#### Cecília Verones Cândido de Morais

nosso laço era igual de presente: com suas voltas e apertos, ficava em cima de um embrulho que guardava muitas coisas, dentre elas o amor

nosso laço era no presente:
um agora cheio de passados e futuros
que num ciclo se repetiam
e formavam de presente nosso laço de amor

nosso amor era enlaçado:
desde o primeiro encontro de olhares,
nossas almas formaram um nó
e nem o mais brilhante cetim
podia ofuscar seus olhos sorridentes

nosso laço mudou: suas voltas e laceios mudaram cada dia se tornavam mais apertados, fechados num nó;
nossas almas agora amarradas
não podiam mais fazer parte de um presente
nem guardar tal embrulho
o nó das almas era agora o nó do peito
e no desembrulhar, tudo soltou-se

nosso laço era lasso e roubou um S de nós: no fim, tudo era só nó

Cecília Verones Cândido de Morais é estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP que, "desde os 13 anos de idade, tenta entender a vida traduzindo-a em linhas e versos".

Quarentextos: escritos perenes e intermitentes

32

#### Os horizontes de Nina

Carla Cristina Barizza

Nina, quando era bem pequena, ficava na pontinha dos pés, esticava seu corpinho miúdo, apoiava suas mãozinhas na borda da mesa de refeições e, erguendo seu pescocinho, conseguia atingir seu objetivo de mirar o horizonte colorido que se estendia pela toalha de mesa florida e repleta de utensílios domésticos. Nina, pelo seu tamanho, não conseguia ver o que estava escondido dentro das tigelas e panelas sobre a mesa e, então, tentava identificar as refeições pelos rastros deixados ao redor dos objetos. Na sua investigação diária encontrava farelos de pão perto da tigela, migalhas de farofa ao lado da caçarola, lascas de queijo ao redor do pirex, respingos de molho vermelho na panela azul, grãos de arroz sobre a tampa de vidro e caldo de feijão escorrido no caldeirão de ferro. E Nina descobria, enfim, quais gostosuras fariam parte da sua refeição.

Dia a dia Nina ampliava seus horizontes na medida em que, também, ampliava sua capacidade de enxergar cada vez mais dentro dos potes e panelas. Saindo da cozinha iniciou a exploração de seu habitat através dos pequenos detalhes: a forma como estavam dispostos os retalhos de tecido e as cores das linhas coloridas na sala de costura de sua mãe, que revelavam o tipo de roupa que estava sendo feita; as cores dos pós cintilantes de maquiagem que reluziam na pia do banheiro, ou entre os veios de madeira da penteadeira, indicando se fizeram uma maquiagem festiva ou rotineira;

roupas usadas espalhadas denunciavam o que quem vestia tinha feito; nas lixeiras ou nos objetos com marcas engorduradas, tudo continha uma história. Seu instinto investigativo de observar os acontecimentos através dos detalhes que transbordavam pelo assunto principal a acompanhou até a idade adulta, e quando Nina começou a percorrer os lugares do mundo, enxergava tudo como uma cena, e tentava deduzir o que teria acontecido ali, de acordo com a disposição e estado dos objetos do local. Sempre que possível Nina investigava, disfarçadamente, dialogando, se suas impressões estavam corretas e a cada conclusão certeira ela sentia-se cada vez mais confiante.

Novos desafios surgiram no horizonte de Nina quando ela captou, em suas investigações, o quão claro era para ela o comportamento de seus interlocutores ao esconder verdades. Nina reparou que conversas também deixam rastros através de detalhes, assim como os farelos de pão na mesa ou restos de maquiagem sobre a pia. E Nina ouvia as pessoas atenta ao que deixavam escapar em meio às frases e orações de todos os tipos, percebendo os leves grunhidos, os fugazes olhares nervosos ou fugidios, os discretos tremores labiais, as quase palavras cortadas e substituídas rapidamente por outras, leves sorrisos de canto de boca revelando escárnio ou nervosismo, inesperadas gagueiras, e outros tipos de sinais verbais e comportamentais.

Nina treinou muito. Como um *voyeur* de diálogos entre desconhecidos distantes, Nina ficava, calmamente, à espera de que desconhecidos se separassem após uma conversa, para enfim analisar as minúcias comportamentais através das quais expressariam o sentimento que aquele encontro proporcionou. Nina analisava a reação dos indivíduos após o encontro terminar, as quais se destacavam: olhar para trás com saudades;

suspirar de alívio; rir ridicularizando o outro ou rir de felicidade; bufar e soltar palavrões disfarçados ou com gestos; paralisar por segundos até retomar o caminho. Todas essas reações eram escondidas durante a conversa, e eram as verdadeiras! As frases pareciam encenadas para o outro, a fim de produzir emoções controláveis, e por qual motivo? Medo de expor sentimentos? Receio de sentirem-se vulneráveis ou controláveis? Almejar algum tipo de liberdade individual, se preservando e guardando para si a verdade?

Nina, depois de um tempo, concluiu que os sentimentos verdadeiros são os que restam no horizonte quando um encontro termina, e podem evidenciar-se, sutilmente, como minúsculas migalhas de pão que, às vezes, se desprendem durante uma conversa. Nina sentiu uma grande paz ao perceber que nos detalhes transparecem verdades, que muitas vezes apenas um olhar revela o que as palavras não dizem, e que a ansiedade e a pressa podem dificultar a percepção da realidade. Nina hoje vislumbra o horizonte das pessoas com tranquilidade, mesmo após longas conversas, buscando contemplar os sentimentos verdadeiros que respingam de um olhar, escorrem por um meio sorriso ou espalham pequenos farelos por sutis vincos da pele. Contudo Nina não se esconde! Ela é corajosa e sempre mostra novos horizontes às pessoas e as abraça quando tem vontade.

Carla Cristina Barizza é formada em Comunicação/Publicidade. Trabalha na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP como Produtora de Comunicação Visual. "Amo todos os tipos de arte e expresso esse meu amor através da criação de histórias escritas, visuais e também da fotografia artística".

# Reações

# Kayse Danielly Bueno de Souza

O banco do pátio congelava minha pele mesmo sob as calças. O tempo frio e chuvoso não variava há dias, quase como se os céus estivessem tão tristes quanto eu. E eles estavam. O trovão seguido de vários raios confirmara meus pensamentos. A chuva caía forte nas partes não cobertas do corredor. E as pessoas se molhavam. E como eu adorava ver pessoas se molhando. Era quase como um prazer matinal. Tornava meu dia melhor. Porém, ao olhar mais ao fundo, te vi chegar. E todo meu corpo estava entregue.

Enquanto caminhava em minha direção, suas pupilas estavam extremamente dilatadas. Quase que cobriam por inteiro seus maravilhosos olhos castanhos. Eles me encaravam, sem ligar por eu ter percebido e muito menos tentava disfarçar. Analisava minha reação diante das palavras presas entre seus lábios. Não estávamos sozinhos, é claro, mas por instantes era o que parecia ser. Só nós dois.

Fazia tanto tempo que não nos olhávamos desse jeito, fazia tanto tempo desde a última vez que tinha sentido esse borbulhar dentro do meu peito como sentia nesse momento. Sentia meu rosto ferver, e sabia que se fosse branca neste momento já estaria vermelha. Você se inclinou e me puxou para um abraço apertado. Um abraço que eu esperara há várias semanas. O abraço que eu tinha necessidade há muito tempo. Me puxava para si, e começava a sentir minha pele queimar por debaixo da blusa onde

teu corpo encostava. Me deixei encostar à parede atrás de mim enquanto descansava minhas mãos em sua cintura.

Encostei meu nariz em seu pescoço e senti seu perfume. Uma vontade inebriante de te beijar tomava conta do meu ser. Eu sabia que era errado. Mas, naquele instante, parecia ser a coisa certa a se fazer. E por pouco, ao colocar a mão em sua nuca, eu não o fizera. Por um triz, eu não sentira seu gosto mais uma vez. O tempo necessário para buscar seus lábios me deixara assim.

Você estava tão entregue no momento quanto eu. Eu sabia que estava. Sempre saberei tudo sobre você. Porém, os seus olhos, ao entenderem minhas intenções, me disseram não. Por um segundo, seus olhos não sorriram. Lembraram das mágoas que te causei.

Tivera minha chance e a desperdicei. Você seguiu em frente. Rápido demais. Igual seu abraço. Fora rápido demais. O que me pareceu horas, foram apenas segundos. Você sorriu e seguiu em frente. Sem olhar para trás. Naquele momento, a vida não me pareceu justa. A chuva continuava a cair, porém não me alegrava tanto assim. O frio do ambiente me pareceu mais frio ainda após sua partida.

Kayse Danielly Bueno de Souza é araraquarense, 19 anos, apaixonada por livros e esporte, que resolveu, a partir de uma atividade em aula no 1º ano do ensino médio, em 2016, escrever poemas e crônicas para colocar os sentimentos não ditos para fora. É estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

### Equilíbrio claudicante

Lucas Melo

Ontem encontrei Ravi ao sair da padaria. Caminhamos pelas ruas que desembocava nas nossas casas. As máscaras deixaram escapulir um assunto e outro. Só não escapulimos da pandemia de COVID-19. Ravi é equilibrista. Contou-me, tentando dar força à sua voz para escapar não só dos tecidos que nos cobriam nariz e boca, mas da distância que entre nós se espremia, o quanto seu cotidiano de trabalho parecia se dividir entre lampejos de vida e expansões de morte. Ravi transitava entre esses aparentes extremos, mais como quem com eles colaborava, por vezes combatia, do que como quem se rendia. Nesse vaivém eram precisos arranjos para andar sobre a corda bamba sem se arranhar. Fácil, fácil nunca foi, disse ele, ao narrar as exigências de outros arranjos para se manter em vida. De tanto arranjar a vida, sentia que ela mesma, vez ou outra, queria se esvair por entre os pés. Seu trabalho era um grande picadeiro. A plateia assistia a tudo em camas, macas, cadeiras. Picadeiros, cordas bambas, pés descalços, braços abertos, cabeça erguida. Ravi buscava um equilíbrio que se teimava claudicante. O caminho da padaria até a casa parecia se encurtar com a prosa. Viramos a primeira esquina e Ravi mudou de assunto, como quem vira uma página. Lembrou do tempo em que, juntamente com seus colegas equilibristas, tentaram levantar as lonas que escondiam os picadeiros, as plateias, os bastidores. A plateia queria o espetáculo; diziam que os bastidores

entristeciam a alegria do picadeiro. Com a pandemia, prosseguia na contação enquanto alinhávamos os passos, Ravi achou que o aumento da plateia levaria à queda das cortinas de lona. Desde o picadeiro, foi possível ouvir aplausos que vinham da rua. Outros da plateia enlonada. Quanta alegria! A plateia em alta requereu a intensificação dos espetáculos. Não sendo suficiente, espalharam-se mundo afora novos circos e, com eles, novos picadeiros. Teve até gente que roubou ingressos e furou filas. As ruas foram inundadas por propagandas dos novos espetáculos. Ravi apontou para um desses painéis gigantes que tampava o lado de uma casa na segunda esquina que precisamos contornar. Ao acordar num dia qualquer, continuava Ravi, percebeu-se estrela. Certa noite, ao abrir a janela, caiu no sofá com o empurrão do som pesado dos aplausos que a vizinhança lançada às equilibristas claudicantes. A surpresa foi tanta que se perguntou: por que os aplausos? Nem estou no picadeiro! Com os espetáculos em alta, quem fazia do equilíbrio um trabalho viu suas forças se impregnarem nas cordas como um tributo a pagar. Ravi viu muita gente escorregar da corda. Para alguns, lampejos. Para outros tantos, expansões. De tanto se equilibrarem sobre as cordas, elas perderam sua bambura e se fizeram linhas de chão. A plateia vinha em ondas. Parecia um eterno agosto. O caminho da padaria à casa se tornou parco diante de tanto a se dizer. Na frente de sua casa, Ravi me mostrou a janela de que falava a pouco. Ravi que já havia se habituado a abri-la em busca dos aplausos, aprendeu que as mãos, como os pés de quem se equilibram, se avermelham, têm câimbras e claudicam. Nas ruas, os espetáculos já não rendiam fotografias, cartazes, vinhetas. Ravi foi se mantendo no picadeiro. Tinha os pés habilidosos, os braços como pratos de uma balança, a cabeça como um prumo. Quando tropeçou no meio da corda bamba, as luzes do picadeiro se apagaram. Ninguém lhe viu cair. Retirou-se

às pressas. A plateia não se deu conta da sua ausência. As roupas e adereços de tão brilhantes ofuscavam quem lhe servia de cabide. Em casa, sem poder abrir a janela, ouvia os sons, agora filiformes, dos aplausos. Ali não tinha plateia. Ravi sentiu, entre um e outro machucado, a saudade companheira da solidão. A mesma solidão que seus espetáculos buscavam preencher na escuridão uniforme da plateia. Antes de abrir o portão, contou-me que semana passada conseguiu se levantar. Buscou a janela, mas só ouviu o coro de panelas. Ontem, de volta ao picadeiro, antes de se equilibrar, deu de cara com um bolo em comemoração ao seu retorno. Sobre ele repousava um altruísta "venci a COVID-19".

Lucas Pereira de Melo é "um desejoso escritor que se reveza entre docências e pesquisas". Enfermeiro e Professor do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

### Relações

Filipi Lopes Araujo

Há alguns dias comecei a ler "O Diário de Anne Frank", um livro incrível sobre uma adolescente judia e sua família durante a perseguição nazista, em que a família Frank esteve escondida em um "Anexo Secreto". Semelhantemente, uma parcela considerável de pessoas (na qual me encaixo) foi/é obrigada a se confinar em sua casa, junto à família ou amigos. Esse "confinamento" nos leva a passar tempo com outros seres humanos e acompanhar seus vários estados de espírito, inerentes a todos nós.

Outro fato que me chamou atenção no livro supracitado foram os problemas relacionais enfrentados pela família Frank, justamente por falta de compreensão entre eles no "Anexo Secreto". Me vi totalmente como Anne, porquanto regularmente os outros têm reações que não entendo facilmente, bem como eu também tenho momentos que não compreendo muito bem. Com isso, facilmente fico aborrecido porque "meu pai já devia ter aprendido isso", "minha mãe não deveria agir daquela forma", "não consigo entender direito minhas emoções".

Então reparei que brigamos e, nas nossas brigas, mostramos nossas necessidades, as quais *o outro* já devia (?) saber interpretar, lidar ou corresponder. Mas a grande verdade é que **todo mundo sofre** e o doloroso processo de transição acontece para todos da casa. Por exemplo, toda a família Frank estava estressada por ter que viver escondida em um local

muito menor que sua casa, além do medo de morrer que imperava sobre a parentela, especialmente os adultos. Portanto, fica claro nos relatos de Anne que essa situação revelou e gerou as fragilidades da família e das relações entre eles. Isso nos lembra algum momento?

Que nós brigamos e nos desentendemos é fato, mas como sustentar nossas relações durante a pandemia? Para responder a esse questionamento, fiz uma observação: todos passamos pela mesma coisa, mas em níveis e cenário interior diferentes. Tendo isso em mente, quero propor um encontro entre os seres humanos. E isso significa sair da posição de acusador e/ou defensor de si, para a posição de quem senta ao lado e ri com os que riem, ou, nesse caso, chora com os que choram.

Quando reconhecemos no outro o sofrimento que vemos em nós o espaço para acolhimento surge, pois temos a oportunidade de falar "eu também me sinto assim" e, a partir daí, me parece que perdoar, ser paciente e verdadeiramente amoroso se torna mais fácil, porque temos a consciência de que precisamos de perdão, paciência e verdadeiro amor nas nossas crises também.

Concluo essa reflexão com um pensamento maior: a tendência dos nossos dias é cada um correr para o seu lado, buscar a vitória (a qual parece não poder ser de todos) e o livramento para si diante das adversidades. Mas até onde vai a diferenciação entre o outro e eu? Todos seguimos essa tendência em algum nível, **por isso** sofremos muitas coisas em comum. Que tal olhar para o outro, se identificar, acolher e viver o tal do "amor" que é tão falado, cantado e escrito por aí?

Filipi Lopes Araujo é estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, "goiano, cristão, amante das várias formas de relações interpessoais, aspirante a cuidador e, às vezes, falo demais".

Quarentextos : escritos perenes e intermitentes

42

A brisa

Fernando Luís Barroso da Silva Filho

No alto desta torre parnasiana de quatro andares, eu quero sentir a brisa. Há tempos sinto apenas os sopros artificiais produzidos pelos ventiladores e, quando com sorte, dos ares-condicionados. Pior ainda é respirar esse ar filtrado pelas máscaras de 3 camadas de tecido antiviral e por um barato filtro de café.

A saudade das pequenas partículas que batem na cara e incomodam os secos olhos não poderia ser diferente na cidade do ar poeirento. Mas, mesmo a brisa marítima, pura e salgada, não seria nada mal a esse ribeirãopretano enclausurado. Os dias passam e a tão sonhada brisa ainda não dá sinais de começar a fluir, nem um farfalhar de folhas, nem um sacolejar de árvores. Preso ao quarto, eu quero sentir a liberdade.

**Fernando Luís Barroso da Silva Filho** é estudante de graduação da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da USP, *"jurista frustrado, precisando de um sorvete gelado"*.

### Grão de areia

### Amanda Agostinho

Hoje eu acordei com o complexo de grão de areia Me sentindo tão pequena nesta vastidão que me rodeia

E, afinal, que diferença eu faço? Qual o impacto eu causo?

Minha ausência não alteraria o mundo;

A praia não notaria;

E nem sequer o mar sentiria enquanto preenche o lugar que antes eu residia.

E não deixo de pensar: de que vale existir, sem se fazer notar?

Mas sigo tentando algum outro grão tocar;

E confesso que quase sem sucesso eu vivo;

Parece que meu tamanho é imperceptível.

Contudo, ao final do dia eu me convenço:

A praia não teria graça com um grão de areia a menos!

Amanda Agostinho tem 21 anos. Nascida em Jaboticabal-SP, reside em Ribeirão Preto desde 2019. É a atual presidente da Liga Acadêmica de Gerontologia. Estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, é apaixonada pelo seu curso, por cozinhar, por leituras que tocam o coração e por plantinhas.

## Quarempílulas

#### Gilmar Antonio Batista Machado

No começo a gente chorava, quando via na Itália. E, de repente, as lágrimas se foram, acostumados aos mil por dia. Um por minuto? Tanto faz. A vida segue lá fora e preciso ir. Ao bar, à piscina, ao futebol. Atletas estão imunes, ouvi dizer. E se o vírus chinês chegar, o estoque de ivermectina está aqui. Solução final para essa vida de gado.

\*

O casamento seria em abril. Havia marcado em 2018. Tira vestido, coloca vestido, experimenta doce, emagrece, faz lista de convidados e presentes e músicas, marca o salão, de festa e de cabeleireiro, ensaia com o padre, escolhe a música, emagrece, entrega convite, chama madrinhas. E antes das remarcações para 2021, percebi que serei mais simples nas próximas escolhas.

\*

De repente todos sumiram. Os que vinham aos sábados. Os que estavam por aqui todos os domingos. Outros já haviam me abandonado faz tempo. Mas eu era, como se fala mesmo, arreliento ou resiliente? E cá estou eu. Cercado por mundo de máscara, isolado com os outros moradores. Se antes o asilo parecia tenebroso, imagine hoje. A Maria se foi ontem. De covid.

Reler Drummond, Pessoa e Augusto dos Anjos. Rever Chaplin, Kane e Bacurau. Ouvir Legião, Bethânia e Buarque. O Chico. Correr. Sozinho acho que dá. E seis meses depois, dois meios livros lidos, três meios filmes assistidos. Galinha Pintadinha e Mundo Bita algumas vezes. Castelo de areia e amarelinha. Banho de mangueira. Alguém mais é pai aí?

\*

Seis quilos sumiram no primeiro mês. Medo de levar a morte com o ar que respiro. Aos meus pais, meus avós, para quem importa. Abandonar o trabalho na UTI agora, depois de tudo que passei? Segui. Choro diário e esse aperto no peito. Os EPI chegaram, vacina de influenza para eles, meu quarto, isolado. Hoje entro de férias e quero apenas minha casa. Para um abraço daqui quatorze dias.

\*

Por que estão usando máscara? Hoje ainda não. Mas logo consigo algo. Um pão, uns trocados, uma dose. Já não me lembro o motivo de estar aqui. E não entendo o ficar isolado quando se dorme gente e acorda nada. Se percebe, tenho outras coisas para pensar. Nessa vida de negações, preciso alimentar o Amarelão. Ele me entende.

\*

A luz ardeu um pouco minha visão. Um choro, um tudo certo. Lutei, consegui me alimentar. Dobrei de peso sem perceber. Eles são assim mesmo, com esses panos na boca? Misturo, agora, o leite, o arroz e o feijão. Continuo o centro das atenções e gosto da filosofia do meu pai: na ciência, estão como você, apenas engatinhando nessa pandemia.

Gilmar Antonio Batista Machado é "filho da Dona Terezinha e do Seo Arlindo, esposo da Kezia e pai da pequena e bela Beatriz, formou-se em 2007 em enfermagem e desde então está firme na luta pelo fortalecimento da Atenção Primária à Saúde no SUS!". Estudante de pós-graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

### A saudade não toma sonífero

Jordan Fares Sampar

Às vezes fico pensando por que a felicidade mora tão longe. Há tempos, fico imaginando a forma mais fácil de traçar uma linha no mapa do nosso país e segui-la, com meu maldito sentimentalismo em alta. Fico, também, pensando em como a felicidade pode estar, de uma forma geral (que remete a mim um sinônimo de contentamento) a mais de mil quilômetros de distância. Para que deixá-la tão longe?

Vontades me assombram. É. Vontades me fazem questionar. Eu não quero "nadar tanto e morrer na praia", como muitos dizem. Se for para ser, que seja. Da forma como tem que ser. Ser. Não. Provavelmente não acontecerá.

A distância longe fica perto de entender, porém acaba sendo protegida por mortes, acontecimentos trágicos ou mesmo, de uma forma mais simples, atrás de um monitor. A internet me manipula ao consumismo sentimental. Desgasta em ter que apertar o desliga.

Desliga da energia, mas não desliga da mente. Vai para o coração. E o estrago está feito.

E vou ficando atordoado, tonto e melancólico.

Como estou agora.

Daqui a pouco digo que nada vale a pena.

E bocejo.

A distância está me corroendo por dentro. E eu deveria saber o porquê. Quebrar barreiras físicas e espirituais. Fechar os olhos. Há algo além disso que nos separa. Carne e osso, de corpo e alma. O que parece ser trágico realmente é. Só mascaram(os).

Toma-se uma pílula-veneno de nome calmante. Um relaxante muscular. Um anestésico para os neurônios. Um óbito para o sistema sensorial. Toma-se o sonífero e o humano vai dormir. Dessa forma, o ser humano não pensa. Mas se esquece que é impossível desligar sentimentos. E, então, quando acorda, volta a sofrer. E volta a se drogar. E volta a dizer que nada vale a pena. E volta a dormir. Nesse momento, o ser humano não sente. E, então, não é mais ser humano.

"Mate-me agora ou eu morro sozinho". Um personagem de um livro meu disse. E eu resolvo matá-lo, apagando o trecho em que ele se apresenta, bem no início da história. Matar. Queria fazer isso com a saudade. Queria não mais abraçar sonhos. Juntar os corpos. Queria não mais dormir este sono profundo. Queria encaixar situações. Encontrar o lugar que desejo e traçar uma linha, esperando a saudade, em forma humana, chegar. Inevitavelmente, o ciclo se reinicia. Somos apegados demais a nós mesmos? Ou só não nos importamos o suficiente?

A saudade não toma sonífero.

**Jordan Fares Sampar** é formado em Ciências Biomédicas e estudante de pós-graduação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. *"Escreve desde que se entende por gente e para entender o comportamento humano (inclusive o próprio)"*.

### Intenso

## Ricardo Henrique Peres

Por vezes,
me sinto assim,
parado,
no frio,
no quente,
na bad.
Desorientado,
esquecido,
esquecendo,
perdido,
e perdendo.
Como se a quarentena
não tivesse jamais previsão de fim.
É só pra mim?

**Ricardo Henrique Peres** é estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP e, "em meio a surtos de quarentena, lidando com o estudo remoto e problemas familiares, mas esperando o arco-íris chegar".

### Mausoléu

## Patricia Rotta Lopes

Em setembro de 2020 casar-se ia uma jovem moça Professora igualmente dedicada e respeitada Adaptando-se à nova conjuntura Desenvolveu, como hobbies, a pintura e a escultura Não lecionava mais com giz nem lousa

Ela queria um grande evento

Já que sonhava com esse momento

Desde os tempos de Adão

Em meio à pandemia, todavia, adiou seu casamento

Já que até mesmo o 7 de setembro

Seria cancelado devido à situação

O mundo todo tornou-se dependente

Tanto no Oriente como no Ocidente

Falava-se insistentemente em água e sabão

Desmarcou a festa, a lua de mel, a boutique e o hotel

Depois foi correndo ao mercado

E comprou, antes que tivessem se esgotado, dois frascos de álcool em gel

Neste ano, a Paulista, ao invés de militantes
Viu, por uns instantes, um arco-íris noturno no céu
A jovem moça observou as cores
E distraiu-se com seus bens reconfortantes: a argila e o pincel
Naquele flagrante de sentir-se bem, esqueceu os dissabores
Sabia que seu relacionamento ia muito além
De um vestido branco e de um salão repleto de flores

Sua noiva era uma boa médica, mulher ética e fiel Não cansava de lhe dizer todos os dias ao telefone: Meu amor, não se esqueça de passar o álcool em gel

Na tentativa de salvar vidas alheias, por fatalidade, adoeceu UTI, ventilador, preces, choradeiras... nada a salvou Poucos dias depois, sozinha no hospital, a doutora faleceu

Não teve velório, nem despedida, nem mesmo um troféu Apenas um caixão lacrado em um cemitério gelado E algarismos deformados por uma estatística cruel Números que se divulgavam sem sentir a dor Como se os sonhos enterrados com os futuros roubados Não deixassem, em luto desolado, também um sofredor

Voltou para casa, inconsolada, olhou sua mão, viu o anel
Virou-se então para o espelho e imaginou-se vestindo
No lugar da máscara branca, um tecido em formato de véu
Abaixo do espelho encontrou por acaso, dobrado, um pedaço de papel

No qual a parceira escrevera-lhe as últimas palavras
Um recado com as letras borradas, um tanto que apagadas:
Eu te amo! Volto logo, Isabel.

Talvez ela tivesse acabado de passar o álcool em gel

**Patricia Rotta Lopes** é paulistana e estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

## É a solidão da pandemia ou a solidão de uma vida?

## Alef Diogo da Silva Santana

Ainda que pudesse descrever todos os sentimentos possíveis e imagináveis escancarados pela pandemia

Ainda que não pudesse imaginar a minha não-adaptação na Califórnia Brasileira

Ainda que fosse impossível não reconhecer um Nordestino na região Sudeste

Ainda que o vírus da COVID-19 não tivesse se disseminado na minha realidade e cotidiano

Como poderia falar da solidão? Como poderia descrever emocionalmente a solidão?

Pois,

É a solidão de um vazio que não é preenchido pelas relações da web ou pelas lives do instagram,

É a solidão de um ethos regional que não me pertence mais,

É a solidão de um time off das redes sociais,

É a solidão de tantos que chegam, mas logo se vão

É a solidão que sem explicação, acontece

É uma solidão que mesmo em presença de tantos outros virtuais, ainda carece

É a solidão de uma relação com o meu self

É a solidão de um distanciamento necessário – mas não o social,

É a solidão que a pandemia só escancarou

É a solidão não desejada, experienciada de forma involuntária e não

planejada

Ou seria apenas a solidão evidenciada?

Ao menos pra mim.

Ao menos hoje.

23 de outubro de 2020.

Enfim, se apressa, final de ano tá chegando

É o momento de esconder, mascarar a solidão

A solidão que o coronavírus fez questão de te mostrar que existia.

Alef Diogo da Silva Santana é enfermeiro e doutorando pelo Programa de Pós-graduação Interunidades de Doutoramento em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Desenvolve pesquisas com marcadores identitários de gênero, sexualidade e conjugalidades LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli e mais).

Quarentextos: escritos perenes e intermitentes

56

#### A carta de Thomas

Carlos Eduardo Capelini Eli Lopes

Cara Helena,

Escrevo a ti esta carta pois sinto a necessidade de pedir sua ajuda. As gotas de chuva que se chocam na janela me forçaram a isso pois cada uma parecia um tiro em meu coração. A coisa que mais sinto falta (e que me deixa triste) é da nossa antiga dinâmica familiar e eu preciso, quero restaurá-la. Se eu fechar os olhos consigo imaginar todos os parentes em casa comemorando algum aniversário. A música, as risadas, as brincadeiras...

Sinto como se eu fosse um elo entre a nossa família e que, ao me mudar, tudo foi desfeito, quebrado. A corrente parece ter se partida e eu não queria que isso acontecesse. As ceias de natal... Sinto tanta falta de todos em um círculo agradecendo apenas por estarem ali, por estarem vivos e bem.

Mesmo que nem todos estivessem presentes eu conseguia sentir aqueles que partiram em meu coração, aquecendo meu corpo e colocando ainda mais mágica naquele momento único. Consigo me lembrar de quando batia meia-noite e todos se olhavam felizes e com sorrisos festejavam a noite especial.

Onde foi que perdemos isso? Sinto falta de nós todos juntos... Mesmo quando você decidiu por não comemorar seu aniversário devido ao

acontecimento de agosto – e eu entendo perfeitamente e tente te convencer do contrário até hoje –, parte de mim sabia que não era o melhor e eu realmente quero que isso volte ao normal.

Sei que nossa família tem brigas, intrigas e segredos, mas por qual motivo não conseguimos apenas deixar isso de lado e seguir em frente? Pelo menos por um instante sequer, apenas para falarmos "Feliz Aniversário" ou "Feliz Natal" uns pros outros? Ah, Helena, sinto falta de nós todos juntos festejando.

Já se passou pouco mais de um ano que me mudei, mas parece que faz séculos. Como se eu estivesse em outro país, entende? E eu sei que no fundo, no fundo, todos queremos que isso volte ao normal. A torta de legumes é a prova, lembra-se? Quando nossa tia comentou sobre ela, eu fiz questão de fazer uma e mostrar, falar através dela para todos os nossos parentes que "Ei, eu te amo e sinto sua falta. Posso estar longe, mas eu amo toda a minha família e eu sinto falta de nós todos juntos!".

Ah, querida Helena, me ajude, por favor! Me ajude nessa missão de reparar a fissura e remendar nossas diferenças, deixando vossos pecados de lado e apenas olhando para frente. O passado tem que ficar para trás! O que aconteceu, aconteceu. Por favor, apenas me ajude, eu lhe imploro. Eu clamo por sua ajuda e apoio.

Você acha que nossa pessoa especial que sinto em meu coração todos os dias ia querer isso? Ainda me lembro quando estávamos brincando e você disse *"Ela ficaria feliz de nos ver juntos"*! Pode não ser a família direta dela, mas, por favor, façamos jus à vossa palavra!

Mesmo longe, sinto você e toda nossa família em meu coração. Amo a todos e espero que meu pedido seja atendido. Todas as noites, inconscientemente, meu coração deseja por isso em minhas orações.

Com amor e lágrimas de esperança, Thomas.

Carlos Eduardo Capelini Eli Lopes é estudante do curso de Informática Biomédica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. "Escritor nas horas vagas, encontro nesse hobbie uma forma de me expressar ao mundo e a mim mesmo me despindo de meus sentimentos, tentando fugir da realidade e ao mesmo tempo mudar o mundo com a escrita".

# Ó, Pensamento

Wilker Santos Costa

Ó, pensamento,

Na ardência do som da madrugada,

Tu salta em direção a nós,

Tão vibrante quanto o címbalo,

Disperso como o vento,

Autêntico lisianto,

Se desfaz...

Sendo pérvio do meu ser e o medo,

Afugentado, pavoroso, do seu próprio eu,

Ó, Pensamento, se esvai.

**Wilker Santos Costa** é estudante do curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. *"Tenho 20 anos, sou de Ribeirão mesmo, atualmente cursando fisioterapia. Sempre gostei de escrever, pois é uma arte que liberta o pensamento, a alma e o sentimento".* 

## Complacência do mundo

## Thaianne Cristine Gadagnoto

Para onde será que se desvaneceu
a complacência do mundo?
O que é que houve para que tantos
esvaziassem seus corações
outrora cheios de amor?
Talvez isto nunca tenha preenchido o peito
de alguns..., mas como é possível não haver
amor dentro de um coração que pulsa?
Vagamos pelo universo como singelos passageiros
Então por que não deixar rastros que afagam a alma do outro?
Nunca será tarde demais para amar

Thaianne Cristine Gadagnoto é estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. "Gosto muito de ler e escrever trechos sobre o que eu sinto. Muitas vezes acho que são ruins, mas não me importo, pois se trata de um método eficaz para me manter calma".

Sobre o impacto de uma "simples nanopartícula viral" no tamanho da arrogância humana

Norberto Garcia Cairasco

"Você sabe com quem está falando?" Quantas vezes as pessoas ouviram essa pergunta, que dependendo do "tamanho" ou posição do interpelador, numa hierarquia social e econômica horripilante, não infrequentemente atrelada a discriminações étnicas ou de gênero, os interpelados foram abalroados, desprezados e humilhados. Famosa nesse contexto é a história do Filósofo Mario Sergio Cortella que indica que se percebêssemos o nosso "real e ridiculamente pequeno tamanho" no Universo não nos atreveríamos a fazer este questionamento duas vezes.

Quando, de fato, soubemos pela Ciência e pelas Comunicações, que a denominada pandemia da Covid-19 era um fenômeno amedrontador, não conhecido, embora parecido a eventos históricos anteriores (pestes), um arsenal de expectativas, de interpretações e de atitudes apareceram em rico repertório próprio de nossa espécie, o *Homo sapiens sapiens*! Mas, independentemente das reações ditas de medo, ou de receio, típicas de ativação de sistemas de defesa, ou aquelas de respeito à natureza do desconhecido (e esses parâmetros têm sido fundamentais para a sobrevivência de nossa espécie por dezenas de milhares de anos), outras apareceram. Estas últimas são fruto das modificações que nossos cérebros permitem, quando modelados pelo ambiente, e derivam dessas experiências

os conceitos de Ética, Empatias Emocional e Cognitiva, e de maneira mais geral, mas contundente, o arsenal de ferramentas trazidas pela Ciência e pela Educação. É exatamente nesse cenário que o nosso córtex frontal é posto em xeque, já que ele é o nosso "filtro social", porque, quando ativo, nos permite avaliar o efeito positivo ou negativo de nossos atos e, consequentemente, realizamos ou não aquilo que seria julgado como correto ou incorreto.

Quando então a Covid-19 começou a atingir populações inteiras em países desenvolvidos ou não, independentemente da postura passiva ou ativa de suas classes políticas, particularmente dos que possuíam nesse momento o poder, a despeito do que cientistas e profissionais da saúde passaram a mostrar e recomendar, não interessou em que lugar próximo ou distante, em todos os eixos e hemisférios do nosso planeta terra, a presença de infecção, com transmissibilidade rápida, com mortes se acumulando de maneira exponencial, atacou, de maneira desprevenida basicamente a todos! Claro que, concordamos em que populações fragilizadas pela fome e pela miséria, geralmente amontoadas, sem acesso à Educação e sem oportunidades, pelo abandono do Estado, migrantes marginalizados, em êxodo de suas terras (geralmente em guerra), etnias discriminadas localmente ou em países distantes, entre outros, seriam as vítimas mais frequentes do vírus, não interessava "literalmente" ao mesmo qual fosse a origem socioeconômica, étnica, ou geográfica da vítima. Particularmente no quesito arrogância não interessava ao vírus quantas posses, jatos, navios, prédios, contas em bancos, títulos acadêmicos e honrarias eles tivessem, porque o que em muitos dos casos faltaria no momento derradeiro, e geralmente levaria a maioria deles à morte, seria a falta da gratuita, infelizmente nada valorizada (ainda), molécula existente em nosso planeta

há bilhões de anos: Oxigênio. Nesse instante fatal não adiantaria falar arrogantemente para o vírus: "Você, pequena criatura, sabe com quem você está falando?". A absolutamente natural, franca, paradoxalmente interessante resposta do vírus, se fosse possível, seria: "Senhor humano, me desculpe, mas eu sou apenas uma nanopartícula viral, e estou entrando em profundo contato com você, porque o senhor é vital para a minha sobrevivência! Acredite, eu dependo de você, mas vivo"!

Norberto Garcia Cairasco é Professor Titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. Diretor do Laboratório de Neurofisiologia e Neuroetologia Experimental (LNNE) e Coordenador da "Rede Ciência, Arte, Educação e Sociedade - CienArtES" do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Quarentextos: escritos perenes e intermitentes

64

### A montanha-russa da pandemia

Deise Coelho de Souza

Você já andou de montanha russa? Lembra como se sentiu? O medo do desconhecido e a incerteza sobre como seria? De certa forma percebo essa pandemia como uma montanha russa, principalmente quando penso em relação aos sentimentos. Foram muitas emoções, pensamentos e comportamentos que nos desafiaram, que nos deixaram em dúvida sobre cada um de nós e sobre o mundo. No início foi o primeiro impacto da montanha russa... Como será? São tantos altos e baixos, voltas drásticas, algumas curvas em ponta cabeça. Quanto tempo dura o percurso todo? Tem voltas suaves e outras bruscas. Como vou me sentir com tudo isso? Será que dou conta? Um dia por vez é sempre uma boa resposta. Gosto de dizer que se um dia inteiro fica difícil, vivê-lo por partes — manhã, tarde e noite — pode ajudar. Fácil fazer isso? Não. Nem um pouco. No entanto quando nos permitimos, podemos estar no presente.

A montanha russa da pandemia trouxe início e fim de vários ciclos. Permitiu que a montanha russa mudasse o curso várias vezes. Para a vida de alguns trouxe outras perspectivas. Para outros foi totalmente devastador. Ainda tem aqueles que viveram uma dose de cada vez. Tiveram voltas que levaram pessoas queridas embora sem permitir nenhum tipo de despedida. As pessoas partiram como poeira ao vento deixando dor e saudade. Mas, também, bebês foram gestados, crianças nasceram, mães e pais puderam

ficar mais tempo com seus filhos. No entanto, também existiram aqueles que precisaram se afastar da família para protegê-la desse vírus invisível e que tanto nos assusta.

Nosso país se polarizou... Pessoas em uma curva crescente de intenso cuidado e outros em uma curva descendente de descaso. Tem certo ou errado? Não faço ideia, mas sei que de toda forma tudo isso virou o mundo de cabeça para baixo. Nossas vidas, sonhos, muito foi modificado. Casamentos foram remarcados, morar juntos antecipado. Relações se desfizeram, famílias se reconciliaram. Ocorreu perda de emprego, estabelecimento de um novo, necessidade de auxílio e tantas coisas mais. Houve atraso no ensino em escolas e faculdades para alguns e a necessidade de adequação para praticamente todos. Crianças ficaram em casa, tiveram aulas online ou como deu certo. Professores e várias outras profissões precisaram se reinventar e descobrir sem tempo hábil de adequação. Foram muitas voltas na montanha russa dos planos e metas que cada um constrói para si.

Alguns heróis surgiram e outros partiram. Pessoas descobriram medos, coragem, novas profissões, sonhos e perspectivas. Outras viram parte da sua vida mudar, em alguns momentos até mesmo despedaçar. Acabamos precisando olhar para nós mesmos e para os outros, sair do automático e rever questões que acabavam sempre ficando para depois, já que sempre parecia haver coisas mais importantes que cuidar de nós. A grande pergunta é: vamos mudar para melhor? Seremos seres mais evoluídos? Com tudo isso o que tenho descoberto a cada dia é a que palavra "não sei" assusta, mas também pode libertar. Não em um sentido de negligência, mas de entender que traçamos planos, mas a vida vem e os

modifica. Então o que cabe a nós? Nos adaptarmos da melhor forma possível e tentarmos viver o presente com mais atenção plena e gratidão a cada dia.

**Deise Coelho de Souza** é psicóloga, mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. "Apaixonada pelo ser humano e suas particularidades".

### Ser mulher

## Natália da Silva Rego

Nasce menina, torna-se moça E se faz mulher. Faz da sua vida, à sua maneira, O que bem quiser.

Por um lado forte, confiante, Mulher independente. Uma notável dominadora, Charmosa e inteligente.

Porém é impossível conter Lágrimas de cansaço Desse mundo desvirtuoso, Onde o respeito é escasso.

Contudo, ela supera e dança, Em busca do que quer. Balança, sorri, enfrenta, encanta... Tudo isso é ser mulher.

Natália da Silva Rego é "formada em nutrição e atualmente doutoranda na área de educação alimentar. Desde criança, as palavras sempre me chamaram a atenção e ainda hoje sinto frequente vontade de me expressar com caneta e papel". Estudante do Programa de Pós-graduação em Nutrição e Metabolismo da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP.

#### Fezes sociais

Lucia Rezende Jayme

Ser fênix, tão fácil nesse feed, fitness está nas fotos e filtros- feeling good Felling like a goddess, opa, pera #sqn

Daí preciso da feiura, da fúria, fora dos stories, (fora Bolsonaro), mais precisamente nas entranhas. Cadê os vermes e os esqueletos já pútridos escondidos a 7 chaves e senha nível alto de segurança?

Que bebam, que dancem, se esbaldem e transem na sala, nas ruas e na cara do meu pai.

Pois já dizia o ditado: mais vale um fragmentado no chão, que um post plástico nos destaques.

Lucia Rezende Jayme é mestra em Educação, "técnica que não segue manuais e amante de gatos". Funcionária da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP.

### Pensamentos de uma quarentena

Karen da Silva Santos

Em meio à globalização crescente

Aparece um agente

Tão pequeno, imperceptível a olho nu

Mas esse agente afeta muita gente

Um inimigo? Enviado em forma de castigo?
Criado pela natureza ou pelo homem, contradigo?
Na verdade, de nada importa seu azo
Mas sim as vidas que utilizam transporte coletivo

Ficar ou sair de casa não é livre escolha

A escolha está naqueles que estão dentro da bolha

Sociedade tão desigual que não muda uma folha

O que esperar? Como superar?

Considerar ou acelerar?

Moderar...? talvez. Mas não aglomerar

**Karen da Silva Santos** é enfermeira, docente, pesquisadora, adora ler e ouvir poesia. Estudante de pós-graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

## Natureza

Thaís Romanini Furlan

Tão bonito é esse azul

Que o mar dispõe em suas águas

Sorte grande a do sanhaço

Ter essa cor nas suas asas.

Se coração acelerado É sinônimo de amor Feliz o beija-flor Que vive apaixonado.

Quem me dera ser um bem-te-vi E no meio dessa solidão Pousar no seu coração Só para te ver feliz.

**Thaís Romanini Furlan** tem 20 anos de idade, natural de Piracicaba-SP e estudante de Fisioterapia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. "Sempre gostei de observar a natureza e durante a quarentena decidi registrar em textos".

# Alegria

## Josimara Martins Silva Figueiredo

Alegria

Pensei que tu não me pertencia

Que ao longe sumia

Que de minh'alma esvaía

Afinal, o que é alegria?

É sorrir todo dia?

Cantar com melodia?

Esquecer o que fazia?

Onde tu habitas?

Penso... Reflito... Concluo.

Tu habitas meu coração

Minha pele

Meu corpo

Me dá vida

Me faz seguir todo dia

Eu não sabia...

... mas aqui dentro você já vivia.

**Josimara Martins Silva Figueiredo** é funcionária técnica administrativa do Departamento de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP desde 2010. Gosta de ler, caminhar e assistir bons filmes com a família.

ex ore parvulorum veritas

(do latim, a verdade está na boca das crianças)

Fabio Scorsolini-Comin

da minha ânsia de não querer fazer nada igual aos outros acabo, quase sempre, repetindo itinerários que julgava não serem os mais nobres. como a modinha das expressões em latim. é assim desde criança, quando resolvi torcer para o time de futebol do Egito e nunca pude comemorar nada.

a moda do pão, por exemplo. alheio aos modismos com cara de "20 20" (e o modismo dos que falam "vinte-vinte" ao invés de dois mil e vinte), resisti quanto pude, utilizando vários estratagemas: ida à padaria, pão torrado em casa, torrada de mercado e até jejum de pão. aguardei firme a longeza dos meses.

a quarentena interminável me colocou diante da pesquisa por receitas de pão caseiro na internet. me atrevi, então, quase que secretamente disfarçado. ingredientes à mão, eu não podia tentar algo tão audacioso em minha cozinha pequena. voltei à casa de outrora e de eternamente.

convidei minha mãe para a supervisão do intento. ela, sem experiência relatada na panificação, como me alertara, começa a fazer diversas orientações: — pode jogar a massa com força na pia, é bom para ela ficar

macia / – vai rasgando a massa com força / – se eu ainda tivesse força nos braços você ia ver como eu faria / – a Ana Maria dizia pra gente jogar a massa e pensar em alguém / – seu pai bem que podia aprender a fazer / – vou te chamar sempre para fazer isso para mim. e por aí vai. umas vezes ouço, outras vezes não. oscilo entre o adulto que sai de casa e a criança que nunca saiu de lá.

de repente me pego ali, fim de tarde, só minha mãe e eu, na feitura do pão. o calor faz o fermento agir, expandindo o coração por todos os lados da assadeira. a gente discute se coloca ou não o café frio com a gema por sobre os pãezinhos que irão nascer em breve. descubro que minha mãe prefere o pão mais tostado. eu digo que gosto de pão branquinho. parecia que a gente não se conhecia. parecia que, por fazermos aquilo juntos, a gente se conhecia desde sempre.

ficamos ali, pão quentinho, preferências de manteiga, margarina e requeijão igualmente expostas, mãe e filho, passado e futuro. mas o presente era soberano. achei aquilo tudo muito elevado, profundo, existencial. por isso é que dizem que pão é sagrado. mãe também é. *ex abundantia cordis* (da abundância do coração).

**Fabio Scorsolini-Comin** é psicólogo e professor do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Escreve desde pequeno e participou de coletâneas do Poeta de Gaveta da USP. Apaixonado por literatura e por Clarice Lispector.

#### Meu eu roteirista

### Beatriz Louzendi Alfieri

Eu queria muito ser egoísta e te pedir para ficar,

Queria invadir seu espaço, te chamando para contar sobre meu dia.

Poderia ignorar esses limites e conversar contigo até a madrugada,

E poder ser honesta que você ainda é a primeira mensagem que procuro.

Eu poderia ignorar tudo que aconteceu até aqui, Fechando os olhos e imaginando nós duas. E como nada precisou mudar para nos encaixarmos nas coisas certas.

Eu gostaria de ignorar o fato que tu já tem seu amor
e criar um script fantasiado para te esconder nas minhas falas e gestos,
E criar no tempo um pretexto para nos encontrarmos primeiro.

Daí quem sabe, eu não teria que escrever isso

Com dor nas costas de carregar minhas palavras

E com a dor no peito de fingir que foi fácil te deixar ir por um momento.

**Beatriz Louzendi Alfieri** é estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. *"Tenho 20 anos e escrever para mim é uma forma entender meus sentimentos e meu relacionamento com as pessoas".* 

### Diário oportuno

Rodrigo Ratochinski

28/09/19

Estou escrevendo esse diário sem motivo.

Não acho que talvez precise de um motivo para isso. É que meus pensamentos, de vez em quando, crescem, expandem, batem em meu crânio pedindo pra sair, e querem extravasar. Essa deve ser mais uma das formas desse extravasamento. Uma única, exótica forma.

Venho aproveitar para deixar uma (ou algumas) reflexões. Se você que está lendo isso não sou eu (e você não devia estar fazendo isso), sinto lhe informar que não há garantias de que você possa tirar algo de útil daqui. Talvez esteja perdendo seu tempo. Ou talvez esteja lendo algo que será muito importante em sua vida. Pelo menos seja gentil ao me julgar.

Eu não estou bem. Quer dizer, talvez eu esteja. Parece que estou em um estágio diferente da vida, às vezes sinto uma dor de frustração bem no peito, as vezes me sinto livre e novo. Não tem como saber, e isso já ocorre há um tempo.

Momentos de êxtase me fazem sentir como um lobo... não. Talvez não consiga achar a metáfora certa para esta situação. Mas não importa, é tudo metáfora. Engraçado... Estava falando sobre isso com o Ramon quando saia da aula. Metáforas associam coisas que não se associam. Quer dizer, como

eu posso parecer um lobo? Tenho pêlos? Corro tão rápido quanto um? Caço tão bem assim? Mesmo assim, você entendeu o que quis dizer.

Alguns outros momentos eu me sinto incompleto, como se algo estivesse faltando. E, mesmo que retorne, parece que não vai ser a mesma coisa. Está perdido para sempre então? Isso me aperta o coração. É claro que estou falando dele. Sempre ele.

Neste momento, odeio-o. Como pôde fazer isso comigo? Como pôde me tratar dessa forma depois do que eu fiz por ele... em várias situações, vários momentos. Tirou sarro de mim, não foi sincero comigo, foi negligente, não me avisou, me esqueceu, encontrou alguém melhor, me manteve longe. Por quê? Não foi sincero comigo.

Como manter uma confiança, já abalada anteriormente, quando situações como essas ocorrem. Por quê é tão difícil entender suas mudanças? És um ser líquido. Líquido e raso. Frio. Cíclico.

Não sou cíclico, queria ser. Meu âmago se compõe de laços fortes, inquebráveis. Não se pode desligar de mim dessa forma. Me machuca muito. Machuca.

Deixo aqui esse sentimento, numa tentativa de livrar-me deste. Tentei diluí-lo como uma solução. Dispersar as partículas, usar o tempo como solvente. Mas continua a se precipitar. Vou então defenestrá-lo, atirá-lo forte contra a parede, para que ele me deixe em paz. Suma daqui antes que me faça sumir.

**Rodrigo Ratochinski** é estudante de graduação da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da USP. *"Estudioso e escritor nas horas vagas, traduzo meus sentimentos em meras palavras para aliviá-los e diminuir o peso que em minhas costas habita".* 

#### Pensamentos de uma isolada

## Giovanna Cardoso Scapin

Ó quarentena, o que tu fizeste comigo?

O que tu fizeste com ele, com ela, com nós?

O que você quer nos mostrar?

O que devemos aprender?

Se importar mais com a família?

Com as tarefas do cotidiano?

Se você nos mostrar o que devemos fazer

Será que mesmo assim vamos aprender?

Deveríamos ficar em isolamento e não estamos

Deveríamos usar máscara e não usamos

Deveríamos lavar as mãos hora toda e não lavamos

Irresponsabilidade do povo ou do governo?

Será que temos educação suficiente?

Será que sabemos o porquê de usar máscara?

Será que sabemos o porquê de ficar isolado?

Será que sabemos o porquê de lavar as mãos?

A nossa economia é mais importante que a saúde das pessoas?

Afinal, a única coisa que sabemos é que na verdade, não sabemos de nada.

As pessoas são interessadas em si mesmas, não com o coletivo

Enquanto não aprendermos a viver em coletivo

Vamos viver em constantes desigualdades

**Giovanna Cardoso Scapin** é estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. "Uma cidadã que não sabe mais o que esperar do governo, só deseja que o melhor seja feito para a população".

Quarentextos: escritos perenes e intermitentes

81

### As bênçãos de Deus

#### Vivian Fukumasu da Cunha

Quando perguntamos as pessoas sobre como ou quando se sentiram abençoadas podemos ter respostas de todas as ordens:

- Deus me abençoou com a vida.
- Deus curou o meu filho de uma doença.
- Deus transformou a minha vida, se não fosse Deus eu estaria perdido!

A bênção de Deus está representada na subjetividade de cada um a partir daquilo que compõe sua história e seus significados. Deus não é uma entidade externa que movimenta a vida como se fossem marionetes, mas, de acordo com o Carl Gustav Jung, é um arquétipo que se constituí em nós por meio de uma imagem numinosa e sentimento, o poder de ser o melhor de nós e para nós.

Deus e suas bênçãos somos nós em movimento na vida. Nomeamos de Deus, de Buda, de Allah, de Ganesha, aquilo que compreende a nossa intimidade mais profunda e cheia de sentido para o que nos habita. As bênçãos de Deus são as ações íntimas e até externamente engajadas para que o potencial individual se manifeste. Dessa maneira, caminhamos em direção à evolução humana e pessoal que permeia as necessidades ou o momento que estamos vivendo.

As bênçãos de Deus vão além de gratidão, de reconhecer as coisas boas que temos em nossas vidas, mas remete ao sentimento profundo de conexão conosco. Ao acionar e mergulhar nas profundezas de nossos anseios, vontades, desejos latentes e de fé, somos capazes de construir um caminho pessoal que acaba por se manifestar como bênção por não darmos conta da grandeza e capacidade individual que existe em nós.

Uma bênção é acionar essa força pessoal capaz de transcender, direcionando para o encontro de pessoas, de recursos, na manifestação de na teia invisível que nos une a partir de um inconsciente coletivo que vai além do espaço-tempo. Deus abençoa a todo tempo e momento quando manifestamos esse potencial em pensamentos, atitudes, sentimentos e os desejos profundos de nós. No fim, Deus e suas bênçãos somos nós, a centelha divina. Vós sois deuses!

Vivian Fukumasu da Cunha é psicóloga e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Investiga a dimensão da religiosidade/espiritualidade em profissionais de saúde, psicologia positiva, psicologia da religião e etnopsicologia.

Quarentextos : escritos perenes e intermitentes

83

#### A casa de chás

## Henrique Afonso Santos Pereira

Eu sempre viajei muito, tive várias oportunidades com o meu emprego, conheci muitos países, como os Estados Unidos, Chile, Argentina, Inglaterra, França, Itália, mas a viagem que mais me marcou foi para um pequeno país na Ásia, em formato de uma ilha, chamado Japão.

Hoje o Japão é conhecido pela alta tecnologia e modernidade, mas foi um local simples e tradicional que marcou profundamente a minha viagem. Em uma cidadezinha ao sul de Quioto, entre várias ruas estreitas e cheias de lojinhas e restaurantes, se encontra uma pequena casa de chá, extremamente tradicional, japonesa, com traços arquitetônicos característicos e um aroma fortemente atrativo, com tons de flores e ervas frescas ao mesmo tempo em que torrados e adocicados, enfim uma explosão de aromas que alimentam a alma.

Foi nessa pequena casa de chás que conheci umas das mais intrigantes e curiosas histórias da minha vida.

Um dia, passando pelas lojinhas da cidade, fui atraído pelo aroma da casa. Logo percebi que se tratava de uma casa de chás, pelas plantas e ervas expostos na frente do estabelecimento. Não sou muito fã de chá, mas fui atraído a entrar na casa e provar um. Dentro da casa, chão de madeira, pequenos objetos expostos - utilizados para o preparo e consumo dos chás, além é claro das matérias primas. Era um lugar harmonioso e convidativo.

Logo que entrei fui atendido por uma gentil jovem, que percebendo que era turista, me ofereceu um dos chás mais consumidos da casa. Aceitei prontamente, já que não conheci chás. Pela atenção que foi prestada me acomodei em um local reservado para o consumo enquanto aguardava o serviço. Num canto não muito distante havia um senhor oriental, muito sério e compenetrado. Continuei aguardando o meu chá.

O serviço para preparo foi um banquete para os olhos e para a alma e o chá era muito saboroso realmente, consumi muito alegre e agradeci pelo serviço e me retirei.

No hotel, apesar de toda a experiência presenciada naquele local, o que mais me incomodava era o senhor sentado ao canto, que não refletia o que era ou representava aquele local, então resolvi voltar lá no dia seguinte. Na mesma hora, ao final da tarde, fui ao pequeno estabelecimento e novamente o senhor estava lá, no mesmo lugar, como se não tivesse saído. Dessa vez, apesar de consumir o chá, me concentrei no senhor de rosto melancólico.

Percebi que todos os atendentes da casa o conheciam e o chamava pelo nome, Sr. Higuchi. E todos o atendiam com a mesma, senão com mais atenção que os demais clientes, como se quisessem confortá-lo. Isso me deixou mais curioso. Então, aproveitando a gentiliza da jovem atendente, perguntei quem era o senhor no canto da casa. Ela, muito solícita, disse-me que era o Sr. Higuchi, um dos proprietários da casa. Agradeci pela informação e pelo serviço prestado novamente e saí, ainda pensativo. Como poderia um dos donos da casa ficar ali com um ar sério, misterioso, mudando todo o ar de harmonia do local?

Motivado pela curiosidade e pela aventura, fui novamente à casa de chás no dia seguinte, não sabia o que exatamente iria fazer, mas sentia que

algo novo iria acontecer. Chegando ao pequeno estabelecimento, logo o avistei no mesmo canto. Pedi meu chá como de costume e após o consumo percebi que ele havia levantado para sair. Mais do que depressa me levantei, paguei pelo serviço e o segui sorrateiramente palas pequenas ruas do bairro curioso.

Não sabia onde estávamos indo, nem o que eu iria encontrar, mas movido pela aventura e mistério continuei seguindo-o. Andamos por cerca de 20 minutos e chegamos a um lugar pouco movimentado e tranquilo e com as mesmas características da cidade, com várias cerejeiras, bem floridas e perfumadas. Logo reconheci o local, era um cemitério, bem tradicional japonês e o Sr. Higuchi estava próximo a um túmulo, provavelmente rezando e conversando com algum ente falecido.

Aguardei ele ir embora e vi na lápide o nome Hinata Seiko Higuchi com uma data a poucas semanas e percebi que se tratava de sua esposa, isso com certeza justificavam a sua tristeza e o seu ar sério.

Estava no meu último dia na cidade e resolvi tomar um último chá, naquela casa cheia de mistérios. Chegando lá não o encontrei, mas de qualquer forma, já havia resolvido seu mistério, e estava em paz.

Tomei meu chá, pedi algumas ervas e referência de preparo para poder continuar com esse hábito gratificante. Na saída me despedi da gentil atendente dizendo que estava voltando para casa. Ela então me chamou no canto e disse que havia percebido o meu interesse pelo Sr. Higuchi, então me contou com mais detalhes a história que envolvia sua posição no estabelecimento. Segundo ela, a sua falecida esposa era frequentadora assídua da casa. Um dia, porém, a casa estava com problemas com risco de fechamento, devido a dívidas; afinal, uma casa de chás não tem um faturamento muito alto. A Sra Hinata então pediu ao seu marido que era um

grande empresário. O Sr Higuchi num primeiro momento não viu interesse em investir na casa. Contudo a esposa, que estava enfrentando uma doença grave e degenerativa, convenceu-o para comprar a casa para que assim, caso ela viesse a falecer, a casa de chás seria como uma lembrança viva dos tempos em que ela frequentava a mesma. O Sr Higuchi, movido pela compaixão da esposa pela casa, adquiriu a casa e pagou suas dívidas e a frequentava, mantendo assim a chama da vontade da esposa em manter a casa viva.

Ouvi toda aquela história, ao mesmo tempo aliviado em descobrir esse mistério, mas também embaraçado. Como podia uma pessoa deixar de investir em negócios lucrativos e cuidar de um estabelecimento com pouco, talvez nenhum retorno... Isto mostra como os orientais têm um apego maior às pessoas, aos valores morais e à tradição muito maior do que temos aqui no outro continente. Nos faz pensar...

Por fim, agradeci pela história e o excepcional serviço prestado. Peguei minhas coisas e voltei para casa. Um pouco perturbado, mas muito motivado a ter um pouco mais de humanismo e cuidado com o próximo e com nossa tradição.

Henrique Afonso Santos Pereira é especialista em Recursos Humanos, Tecnólogo em Hotelaria e Técnico em Serviços Jurídicos. Atualmente atua como coordenador de estudos clínicos na Unidade de Pesquisa Clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP.

#### Eu e eles

### Ana Julia Gonçalves Camillo

O ser humano é complexo de diversas maneiras, podemos não só falar, mas nos expressar, não só comer, mas combinar elementos que nos agradem para nosso prazer, não só andar, mas saber para onde estamos indo, como iremos e o que usar para chegar mais depressa. Porém, essa sabedoria também é o nosso dilema. Ao nos expressarmos não conseguimos ter clareza e ao ouvir a forma de expressão do outro a interpretamos à nossa maneira, sem desejo ou paciência de escutar com a mesma transparência, pois é mais cômodo somente aceitar o quão contrária, ruim e desastrosa é a opinião do outro.

Ao nos alimentarmos, o sentimento de nojo ao gosto alheio vem sem esforço. O interessante é que o mesmo prazer que eu sinto ao misturar elementos que me agradam gera desprezo ao que o outro come. Sabemos onde queremos chegar, mas a visão do caminho que eu vejo sempre vai parecer mais clara, mais correta e mais cômoda ao meu desejo. Talvez seja difícil, mas as vantagens da escolha só eu sei, só eu vejo, consequentemente a escolha do outro, para mim, é somente perda e com isso meu direito de falar e manifestar sentimentos se sobrepõem ao simples dever de buscar compreender o desejo do outro.

Direitos e deveres, o que é isso e como a humanidade os coloca em prática? O que é meu e o que é do outro, o que é para mim e o que é para o

outro? Existe um lugar onde podemos encontrar as respostas para essas questões tão confusas que são as maiores geradoras de conflitos nos relacionamentos entre as pessoas e o mundo? Há! Muitos descobriram a fonte de respostas, leem, aprendem, ensinam, falam sobre e mostram na prática exponencial, mas quando tentamos entender o que é viver de fato algo, falamos em costume, em essência, em quebra e construção de algo completamente novo.

Uma mente e um coração sem mancha é algo que por nós mesmos nunca conseguiríamos. Como posso, eu, entender quais são meus direitos e deveres? Como posso, eu, seguir isso com pureza e clareza? Como posso, eu, cobrar de quem está ao meu lado que o faça? Eu sei, é difícil compreender quando nosso direito é tomado à força em uma conversa onde dizem quem você é, sem espaço para justificativas ou respostas. É difícil compreender quando nosso dever é cobrado sem conhecimento de qual era este e o porquê de fazê-lo.

Sabemos as dificuldades que toda a sociedade enfrenta, somos parte dela. Existe esperança, mesmo que a dor venha, que a raiva aflore, que o sentimento de nunca ser compreendido bata na porta e diga que você não tem voz e não é relevante. Hoje eu sei que acima de tudo quem me criou me conhece, me ama com amor sincero, mas não só a mim, a quem me tira os direitos e a quem me cobra os deveres também, e ele diz que para eu ser parecida com ele, que é o dono da plena Paz, eu devo amar como ele ama. Que amor é esse? Outro dilema humano, amar. O amor é paciente e bondoso, o amor não é ciumento, nem presunçoso. Não é orgulhoso, nem grosseiro. Não exige que as coisas sejam à sua maneira. Não é irritável, nem rancoroso. Não se alegra com a injustiça, mas sim com a verdade. O amor

nunca desiste, nunca perde a fé, sempre tem esperança e sempre se mantém firme, como diz a Bíblia.

Ah, o que seria de nós se o que é nosso fosse mantido em pé por nossas próprias forças? O que sentimos e o que vivemos tem propósito e tem solução quando não o temos por nós mesmos ou para nós mesmos. O outro importa assim como eu. Amar é uma escolha, uma escolha que tem fonte, fórmula e apoio. Eu escolhi amar hoje, não somente por mim, mas pelos outros seres humanos que me rodeiam e pelo criador que é o único que realmente sabe quem eu sou. Hoje eu decidi negar a mim mesma, carregar minha cruz e seguir os passos daquele que já viveu o que eu vivo hoje e me diz com clareza aquilo que eu não posso dizer.

"Quando eu era criança, falava, pensava e raciocinava como criança. Mas, quando me tornei Homem, deixei para trás as coisas de criança. Agora vemos de modo imperfeito, como um reflexo no espelho, mas então veremos tudo face a face. Tudo que sei agora é parcial e incompleto, mas conhecerei tudo plenamente, assim como Deus já me conhece plenamente. Três coisas, na verdade, permanecerão: a fé, a esperança e o amor, e a maior delas é o amor." (Coríntios, 13:11-13).

Ana Julia Gonçalves Camillo é "cristã, estudante de enfermagem, amante da boa música, admiradora da arte feita com verdade. Alguém que busca ver a beleza do ordinário, mesmo tendo certeza de que maior é o que está por vir". Estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

#### Humanos

## Aline de Aguiar Gonzaga dos Santos

Humanos

Tão fortes

Tão frágeis

Tão cheios de si

Centelhas do universo

Do universo que há dentro e fora de si

Humanos

Tão fortes

Tão frágeis

Com curas que juram ser infalíveis

Mas que ainda não aprenderam sobre amor

Aline de Aguiar Gonzaga dos Santos é estudante do curso de Nutrição e Metabolismo da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. É "uma pessoa que se realiza a cada manhã. Que reconhece o presente que nos é concedido a cada dia. Que ama sua família e amigos. E sempre muito disposta a ajudar o próximo".

#### - soneto

#### Victoria Garibalde Hilario

O som do mar me soa como um grito

Todas as cores se misturam

E para além, os encontros de alma perduram

No amor tudo se faz necessário, como é dito

Se faz necessário sentir-se amedrontado e aflito E como frágeis pétalas suas metades se seguram Por vezes se soltam, e quase nada duram Nem tudo é infinito

Agora vai-se em metade Lamentando, e sofrendo, e sendo esse pobre coração Amarrado a divina verdade

De que sozinho não pode deixar de sentir Foi golpeado, está preso e sem ação E então só lhe resta a esperança em deixar partir

**Victoria Garibalde Hilario** tem 23 anos, é filha, irmã e sobrinha. Cercada de mulheres fortes. Ama o céu noturno e as flores de maio. É estudante de graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

#### **Amora**

#### Rebecca Ramos Paiva

Que o amor vire rotina

E que a rotina não seja maçante

Que seja de amassos

Beijos, carinhos, abraços

Afeto, de quem a gente sempre quer ter por perto

Reciprocidade, da paixão que a gente vive na melhor idade

Que seja vivo, que seja por inteiro

Que dure de janeiro a janeiro

Que seja sempre de dentro para fora

Doce e viciante, que nem amora

E que não falte oportunidade de ser amor

Ser livre pra amar

Ser capaz de se libertar do medo de errar

Viver buscando a felicidade, independente da dor

Voa sem pressa, voa tranquila

E prepare-se para grandes alturas

Grandes voos pedem asas fortes

Dispostas a muita aventura

Dance com paixão, dance com a alma

Escuta o som dessa brisa

A doce voz que tranquiliza

E que preenche de calma

Sem pressa, tudo passa

Nenhuma dor é para sempre

Segue com confiança

A paz encontra a quem merece

O sorriso para quem faz a prece

Mas não perca a esperança

Que sorte é ter o seu amor tranquilo

A companhia que virou sina

O costume de sempre enxergar

Aquilo que virou rotina

Amor...

Rebecca Ramos Paiva é "natural de Ribeirão Preto, apaixonada pela natureza e pelos animais. Sou uma mulher lésbica, artista e estudante, apreciadora da boa leitura e pesquisadora da área da Educação Física Adaptada". Estudante de graduação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da USP.

Quarentextos: escritos perenes e intermitentes

94

Posfácio

Silvana Martins Mishima

Encantamento.

Essa foi a palavra que me veio (e me vem) prontamente ao ter acesso aos textos produzidos nessa coletânea: Quarentextos.

Fui ao dicionário para certificar-me se esse termo poderia representar o que me produziu o material. Encontrei encantamento como o "estado de quem se deslumbra" como uma reação a algo de bom que "se vê, ouve ou sente". A definição não me satisfez plenamente de imediato e então encontrei que encantamento também poderia ser o "poder de enfeitiçar por palavras ou ações".

Encantamento de deslumbrar-se por palavras, ações ou por sentimentos. Então acho que é isto: encantamento foi e é meu estado de enfeitiçamento pelas palavras, ideias, reflexões ao ler o material.

A pandemia da COVID 19 e suas repercussões em nosso cotidiano atravessam e atravessaram as nossas vidas de forma abrupta e intensa, gerando muitas incertezas, dores, perdas, escolhas e, de formas distintas, possibilitaram que aflorassem o nosso melhor e o nosso pior. Ações solidárias foram disparadas por atores sociais originários de grupos excluídos em locais onde o Estado não se faz presente de forma efetiva, criando-se uma "inteligência territorial" no reconhecimento das necessidades e

dificuldades de grupos mais vulneráveis, como aponta Anna Karla Pereira<sup>2</sup>. Por outro lado, a invisibilidade, por exemplo, das populações de rua ou daqueles privados de liberdade mostrou que se antes da pandemia esses grupos eram marginalizados na produção de cuidados, no contexto da COVID 19 isto ficou mais ainda evidente.

Esse contexto da pandemia, certamente, pode ter sido um pretexto para o Quarentextos, mas as reflexões produzidas extrapolam sem dúvida alguma a existência e a circulação do vírus entre nós. Fabio Scorsolini-Comin compartilhou na apresentação do livro sua certeza de que esses escritos sempre estiveram em seus autores: "Só começou a escrever na quarentena quem já possuía, em si, a literatura".

Textos marcados por intensa subjetividade de seus autores que expressam, talvez, o que muitos de nós leitores ainda não tenhamos conseguido registrar e compartilhar, mas acabam por traduzir o que pensamos, sentimos, vivemos.

Reflexões sobre o cuidado para com o outro e para com nós mesmos, o que nós e tantos outros estamos vivendo, nossas atitudes de soberba e arrogância frente à fragilidade da vida, a solidão que experimentamos mesmo cercados de outras pessoas, a saudade e o que ela nos faz produzir de novos sentidos, o significado de perda e de morte ou de transformações e vida, para onde foram nossos sonhos ou como eles tiveram que ser redimensionados, o desnudamento das imensas desigualdades sociais presentes entre nós, o reconhecimento do Deus que está em nós ... Enfim, todos esses apontamentos se fazem presentes nos textos de forma explícita ou implícita.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Anna Karla é articuladora social, co-fundadora e membro da Executiva Nacional do Frente Favela Brasil, integrante do Conselho Nacional do Pacto pela Democracia.

Qual texto fez mais sentido para mim? Qual deles ganhou um lugar especial em minhas reflexões? Não sei responder a essa pergunta. Todos de alguma maneira mais sutil ou mais intensa provocaram ecos, ressoaram, produziram novos entendimentos, sentimentos reverberaram para além da leitura, pois não há como negar que 'o ponto de vista depende da vista do ponto'<sup>3</sup>.

Alinhada a essas perguntas, ainda provisoriamente sem respostas, uma figura que veio imediatamente à lembrança foi a de Ailton Krenak. Talvez muitos o conheçam ou tenham ouvido falar sobre ele, mas talvez não seja um autor ou um personagem contemporâneo conhecido, pois nossas escolhas de leitura também passam por determinações de diferentes naturezas. Ailton Krenak<sup>4</sup> é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor e considerado um dos mais influentes pensadores da atualidade.

Uma das questões que Krenak discute considerando o cenário da pandemia da COVID 19, e que peço a ele emprestada, tem sido sobre a necessidade de termos que alterar a forma de construirmos nossa inserção no planeta, principalmente no momento de profundas transformações presentes.

Transformações de distintas naturezas: econômicas, sociais, políticas, sanitárias, das relações de nós homens com a natureza e de expropriação da mesma em benefício de poucos. Segundo Ailton Krenak, com ou apesar da pandemia, a natureza não parou: a floresta não parou, as frutas e flores

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Uma frase que ouvi de Frei Betto há muitos anos atrás. Frei Betto, frade dominicano ainda vivo, com grande expressão nas lutas populares e sociais brasileiras, foi um importante articulador das Comunidades Eclesiais de Base e outros movimentos sociais brasileiros. Foi premiado por diferentes organizações por seu trabalho em prol dos direitos humanos.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Ailton Krenak recebeu em 2020 o Prêmio Juca Pato de Intelectual do ano, recebido anteriormente por figuras como Sérgio Buarque de Hollanda e Fernando Henrique Cardoso. Em 2016, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) concedeu-lhe o título de Professor Doutor Honoris Causa, em reconhecimento por sua luta pelos direitos dos povos indígenas e pelas causas ambientais no país.

continuam a nascer e crescer, os pássaros continuam se reproduzindo; mas o vírus atinge de forma precisa e intensa a nós humanos.

As questões que esse autor traz relacionam-se com a possibilidade e a necessidade de repensarmos nossa humanidade. Movimento para podermos habitar nosso planeta de outra forma, menos predadora em todas as dimensões das relações que estabelecemos entre nós humanos e com a natureza (afinal, esse pequeno organismo, o SARS COV-2, faz parte dessa natureza), criando estratégias para estabelecermos projetos que sejam marcados pela centralidade no homem produtor do bem comum, onde solidariedade, cooperação e respeito não sejam apenas palavras de retórica. Esse livro, esforço de muitos, nos leva a esses e muitos outros lugares para refletir, repensar o que temos feito nos processos de produção de vida, de produção de sujeitos e, em específico, de produção dos processos de formação de profissionais de saúde.

Transformação parece ser a palavra que está posta e, de forma imperiosa, a expectativa é que possa permitir que esses valores sejam incorporados às nossas ações cotidianas para podermos habitar esse mundo de outra forma.

Fecho com duas frases registradas nesse Quarentextos, uma por Gabriel Leva França Maciel: "Hoje o caos nos mostra que tudo se desenvolve rumo a se tornar outro". Só o tempo dirá se melhor ou pior, mas que seja um outro que nos valorize enquanto humanos, pois para Carla Cristina Barizza "conversas também deixam rastros através de detalhes …". E são muitos…

Silvana Martins Mishima é enfermeira, mestra e doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Vice-Diretora da EERP-USP na gestão 2010-2014, tendo assumido o exercício da Direção de abril de 2013 a junho de 2014. Diretora da EERP-USP na gestão 2014-2018. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Sobre a Liga de Acolhimento Estudantil da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (LAAE-EERP-USP)

A LAAE-EERP-USP iniciou as suas atividades no segundo semestre de 2019. É um grupo composto por estudantes de graduação da EERP-USP dos cursos de Bacharelado em Enfermagem e de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem. A criação deste grupo partiu de uma série de movimentos que têm cada vez mais pensado sobre o acolhimento na Universidade. Em especial, na EERP-USP, a LAAE-EERP-USP emergiu como uma estratégia a partir do Comitê de Acolhimento Estudantil, grupo criado em 2018 e que conta com a participação de docentes, servidores e estudantes de graduação e de pós-graduação da Unidade com o objetivo de promover ações de acolhimento na EERP-USP. Mas essas ações não ocorrem de modo isolado, pelo contrário.

No 5º Congresso de Graduação da USP, ocorrido em Ribeirão Preto no ano de 2019, discutiu-se sobre a necessidade de o acolhimento ser um componente curricular na Universidade. Isso equivale a considerar que acolher não é uma tarefa auxiliar ou complementar da Universidade, muitas vezes associada às tradicionais políticas de assistência social e de permanência do estudante por meio da concessão de bolsas e auxílios.

O acolhimento deve atravessar a formação profissional e isso equivale não apenas a formar futuros profissionais mais acolhedores, responsáveis e humanizados, mas também corporificar esse acolhimento durantes os cursos de graduação e de pós-graduação. Como a Universidade pode se tornar um espaço de mais acolhimento? Como podemos promover uma

formação mais humanizada em saúde não apenas a nossos pacientes/clientes/usuários, mas também a nossos alunos, por exemplo?

Essa é uma das perguntas que têm orientado as ações da LAAE-EERP-USP. Desde 2019 temos realizado diferentes ações que envolvem o pertencimento, o rendimento acadêmico, a busca ativa por bolsas e recursos para a manutenção do estudante durante o ensino superior, a promoção de saúde mental e diversas atividades que visam a pensar o acolhimento de uma maneira mais ampla e aberta à própria complexidade desse conceito. Em 2020 discutimos diversas questões como o cuidado em saúde mental, as estratégias de estudo durante o ensino remoto, o papel da família e do manejo de conflitos no ambiente doméstico, a construção de repertórios para fazer frente aos diversos desafios desse momento representado pela pandemia. Em 2020 também realizamos o nosso primeiro simpósio, transmitido pelo nosso canal no YouTube.

O Projeto Quarentextos é a concretização de uma dessas ações: como a literatura pode ser promotora de saúde mental em um período complexo, de muitas angústias e desamparo, como no caso da pandemia da COVID-19? Ao propormos às pessoas que escrevessem ou que compartilhassem conosco os seus escritos, notamos que esses registros ultrapassavam o período da quarentena e a própria pandemia. Isso nos permite considerar que esses escritos não são circunscritos a um determinado período, mas atravessam vivências, experiências e inquietações que se alicerçam no próprio viver. São histórias para antes e depois da pandemia. São histórias para o trânsito desse período.

As atividades da LAAE-EERP-USP continuarão orientadas pelos diversos desafios de se pensar o acolhimento na Universidade. Para além dos processos de adoecimento que normalmente norteiam a construção das

Quarentextos: escritos perenes e intermitentes 101

ligas acadêmicas em cursos das áreas de saúde, nosso objetivo é pensar em

formas de acolher, o que dialoga diretamente com o conceito de saúde. De

promoção de saúde, de bem-estar, de qualidade de vida e de pertencimento

à Universidade. Nesse percurso contaremos com nossos colaboradores e

nossos seguidores para novas ideias, para a divulgação de nossos projetos e

para o fortalecimento do movimento que visa a incluir o acolhimento como

componente essencial neste espaço que é nosso: a Universidade.

Convidamos a todas e todos acompanharem os eventos e as ações da

LAAE-EERP-USP.

Instagram: @laae.eerp

Facebook: Liga Acadêmica de Acolhimento Estudantil – LAAE

E-mail: liga.acolhimento@gmail.com

YouTube: Liga de Acolhimento - LAAE

# Agradecimentos







